



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Ronália Paulino Lessa

**Como ser feminina?**

Rio de Janeiro

2022

Ronália Paulino Lessa

**Como ser feminina?**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e Políticas Públicas, da Universidade do Estado do de Janeiro. .

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

L638

Lessa, Ronália Paulino.

Como ser feminina? / Ronália Paulino Lessa. – 2022.

77 f.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. Saúde Pública – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Diferenças sexuais –  
Teses. 4. Emoções – Teses. 5. Identidade cultural – Teses. I. Jorge, Marco  
Antonio Coutinho. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Psicologia. III. Título.

bs

CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ronália Paulino Lessa

**Como ser feminina?**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise e Políticas Públicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 15 de agosto de 2022

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge (Orientador)  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Profa. Dra. Vivian Martins Ligeiro  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Profa. Dra. Cristiane Marques Seixas  
Instituto de Psicologia – UERJ

Rio de Janeiro

2022

## DEDICATÓRIA

Agradeço à minha avó (*in memoriam*), à minha mãe e ao meu irmão, que me ensinaram, cada um à sua maneira, o amor e a educação na sua forma mais linda, na simplicidade. E graças a eles hoje sei que ainda que nada se tenha é possível ser.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador que me deu a honra e a oportunidade de ser orientada por ele, não conseguiria encontrar palavras para descrever a gratidão que sinto por essa sorte.

Ao Tarcísio Greggio pelo apoio nos primeiros passos da escrita.

Ao acolhimento da Vivian Martins Ligeiro e Cristiane Marques Seixas por aceitarem generosamente estar na banca e por me inspirarem desde a qualificação.

Aos colegas de percurso que apesar do afastamento físico devido a quarentena sempre estarem presentes em alma.

E ao meu amor, Rodrigo, pelo apoio constante.

Uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza  
Qualquer coisa de triste  
Qualquer coisa que chora  
Qualquer coisa que sente saudade  
Um molejo de amor machucado  
Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher

*Vinícius de Moraes*

## RESUMO

LESSA, R. P. *Como ser feminina?* 2022. 77f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a teoria freudiana no que se refere a relação entre feminino, identificação, narcisismo e pré-Édipo na tentativa de compreender como estes fatores influenciam e se formam através da estrutura mental e dos investimentos libidinais ao longo da vida, principalmente do que diz respeito aos seres femininos. Para isso, fizemos uma revisão bibliográfica nos principais escritos psicanalíticos sobre o tema e, ao final, na tentativa de articular teoria e prática analítica, recorreremos à apresentação resumida de um caso clínico de uma adolescente que tentava uma realizar separação de sua mãe controladora e que fazia cortes no próprio corpo para conter sua angústia. Desta forma foi possível analisar os principais motivos para o adoecimento mental e a busca por análise das mulheres, além de nos propormos ao questionamento de como o analista pode contribuir para uma análise feminina.

**Palavras-chave:** Diferença Sexual. Saúde Pública. Clínica. Mulheres.

## ABSTRACT

LESSA, R. P. *How to be feminine?* 2022. 77f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This research aimed to investigate the Freudian theory regarding the relationship between female, identification, narcissism and pre-Oedipus in attempt to understand how these factors influence and form through mental structure and libidinal investments throughout life, especially with regard to a female beings. For this, we made a literature review of the main psychoanalytic writing on the subject and. At the end, in an attempt to articulate theory and analytical practice, we will resort to the summarized presentation of a clinical case of an adolescent who tried to separate of her controlling mother who made cuts in her own body to contain her anguish. In this way it was possible to analyze the main reasons for mental illness and the search for analysis of women, in addition to proposing to the questioning of how the analyst can contribute to a female analysis.

Keywords: Sexual Difference. Public health. Clinic. Women.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 <b>HÁ DIFERENÇA SEXUAL?</b> .....	15
1.1 <b>Édipo</b> .....	15
1.1.1 <u>Édipo e sonhos</u> .....	15
1.1.2 <u>Édipo e o pai totêmico</u> .....	17
1.1.3 <u>Édipo e a identificação</u> .....	18
1.2 <b>Édipo na menina</b> .....	19
1.2.1 <u>A descoberta da fantasia</u> .....	20
1.2.2 <u>Édipo na menina</u> .....	21
1.2.3 <u>A castração e o feminino</u> .....	24
1.3 <b>Pré-Édipo</b> .....	26
1.3.1 <u>A construção da feminilidade</u> .....	26
1.3.2 <u>Sexualidade feminina e a separação materna</u> .....	28
2 <b>INVESTIMENTOS LIBIDINAIS E A MULHER</b> .....	32
2.1 <b>O reflexo de mim: o Outro</b> .....	32
2.1.1 <u>Identificação e incorporação</u> .....	32
2.1.2 <u>Identificação e desejo insatisfeito</u> .....	38
2.2 <b>A mulher e o espelho</b> .....	42
2.2.1 <u>Narcisismo e constituição do eu</u> .....	42
2.2.2 <u>Narcisismo como tentativa de elaboração da falta?</u> .....	46
3 <b>O BURACO: A MULHER E A FALTA</b> .....	51
3.1 <b>A culpa e o abandono de si</b> .....	51
3.1.1 <u>A Estrutura mental</u> .....	51
3.1.2 <u>O amor e a pulsão de morte</u> .....	54
3.2 <b>O eu ou o Outro?</b> .....	59
3.2.1 <u>A menina e o amor</u> .....	60
3.2.2 <u>Sobre a análise e a angústia</u> .....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	71
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75

## INTRODUÇÃO

Para dar início a este trabalho, é importante esclarecer a escolha de nosso título para que não ocorra o equívoco do leitor achar que nosso estudo tem por objetivo descrever como ser mais feminina ou como descobrir os atributos necessários para ser uma mulher completa. Nossa pesquisa será sob um enfoque psicanalítico, que em nada se aproxima de receitas prontas ou do senso comum do que é ser mulher, e será por meio da trilha seguida por Freud que poderemos caminhar, construindo nossas próprias perguntas. Sim, perguntas! Sobre um saber inconsciente que habita cada um de nós e que ninguém além de nós pode ter acesso. Mediante as perguntas que se colocaram, fomos tocados por este tema e nos empenhamos em compreender um pouco mais sobre os fatores em questão nos adoecimentos psíquicos que encontramos na clínica, como também, ressignificar muitas de nossas vivências.

O feminino é um tema que me estimulou desde a graduação. Ao começar os estudos sobre psicanálise, fui arrebatada pela curiosidade sobre a diferença sexual e, principalmente, sobre o fascínio da feminilidade. A pesquisa sobre feminino em Freud me fez refletir sobre um gozo específico do feminino: um gozo relacionado a si mesmo, como ocorre no amor narcísico, que é preponderantemente encontrado nos seres femininos. A partir desse fascínio que o narcisismo desperta em relação ao espelho, outra pergunta que nos irrompe é: qual o papel do olhar do Outro para o sujeito feminino?

Para compreender os pormenores do feminino em Freud, mergulhei na teoria edipiana. Primeiramente, sobre o Édipo masculino que, para o autor, foi muito mais fácil de compreender, apesar de ter sido por meio do atendimento de mulheres que ele observou a existência da sexualidade na infância. A partir do atendimento dos casos de histeria que foi possível perceber o papel que a sexualidade desempenhava no adoecimento de suas pacientes, através da forte ligação da histérica ao pai. Inicialmente, o psicanalista vienense acreditava ser o pai que desempenhava o papel principal na fantasia da filha, desde a infância. No entanto, a partir das análises femininas, ele percebe que a explicação da sexualidade feminina pelo amor em relação ao seu progenitor do sexo oposto não era o suficiente; seria necessária, então, a compreensão do amor homossexual nas mulheres e, assim, foi formulado o pré-Édipo, fase em que a menina tem uma intensa relação com sua mãe.

O estudo desse conceito me ajudou na compreensão da dinâmica clínica feminina, onde as mães exerciam um papel tão preponderante na vida das filhas. Diferentemente do

menino – que pode voltar seu ódio para seu pai –, a menina teria uma relação de ambivalência com sua mãe, já que esta, apesar de ser seu objeto de amor e identificação desde o nascimento, passará a ser, após a descoberta da diferença sexual e a conseqüente castração, seu objeto de ódio, visto que a menina se tornará sua rival ao direcionar seu amor ao pai.

Os atendimentos que realizei enquanto trabalhei no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), em uma cidade mineira com cerca de cinco mil habitantes, eram compostos principalmente por mulheres. Esse núcleo faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e tem como objetivo apoiar a consolidação da atenção básica no Brasil. Essa pequena cidade também foi onde morei a maior parte de minha vida e estudei quase todo o ensino médio e fundamental. Sendo assim, esses atendimentos também me faziam pensar sobre aquela sociedade na qual estava inserida há bastante tempo. Uma das primeiras coisas que pude notar é que, para essas mulheres, em um primeiro momento na análise, não existia um olhar sobre elas mesmas como sujeitos femininos e afetados por essa condição. Muitos de seus atos eram guiados, mesmo que inconscientemente, pelo que a sociedade esperava delas como mulheres. Não havia, assim, uma reflexão sobre o lugar que elas ocupavam e se poderia haver um outro desejo que não fosse o guiado por satisfazer as representações que esperavam delas.

Nos casos clínicos que atendi, as histórias e desejos das filhas se confundiam com o de suas genitoras. Segundo as mães, suas progêntas agiam de forma estranha ao esperado pela sociedade, e até os sintomas, dúvidas ou sonhos das filhas eram vistos como fraquezas da juventude, que passariam após decepções que o mundo traria. Diante dessa demanda materna para que essas meninas renunciassem a seus desejos em prol das demandas sociais, pensamos ser um indício ao que elas mesmas haviam deixado anteriormente.

Porém, ainda que essas meninas estejam em conflito com a vontade de suas mães – que ocupam o papel de representantes do que a sociedade espera de uma mulher –, existiria também nelas uma busca por satisfazer a sociedade, porém atualizada para o mundo atual? Dessa forma, refletimos que o incômodo maior dessas mães pode ir além de uma preocupação maternal, aparentando mais uma crise de identidade diante de outras formas de ser mulher no mundo contemporâneo. As jovens, então, traziam à tona nessas genitoras suas próprias dúvidas, o que fazia com que algumas mães tirassem as filhas da análise ou desenvolvessem elas próprias sintomas psicológicos.

Contextualizados pelas singularidades femininas, percebemos que algumas questões se entrelaçam na relação da mulher com o narcisismo, como a especificidade do Édipo feminino, no qual a menina teria a mãe como objeto de identificação e amoroso ao mesmo tempo, tal como acontece na forma de amar narcísica, onde o ser amado seria também aquele com quem

a mulher se identifica. Mediante essas análises em relação à teoria freudiana, o presente trabalho buscou compreender a identificação feminina e seus desdobramentos em sua constituição. Para isso, discutimos o entrelaçamento entre narcisismo, identificação e pré-Édipo, além de refletir sobre a especificidade da constituição feminina e suas singularidades no atendimento clínico.

A identificação se dá ao afastar-se do objeto amado, introduzindo-o ao próprio eu. A menina se afasta de seu primeiro objeto amoroso – a mãe –, porém, esse objeto, como afirma Lacan, não tem um significante, como o masculino tem o significante fálico. Dessa forma, poderíamos afirmar que a mulher procuraria, através da identificação no amor, uma resposta para quem ela é? E que, por suas escolhas objetais serem muito mais baseadas em sua identificação narcísica, a mulher se perderia um pouco a cada amor terminado, se misturando ao ser amado a cada vez que ama, e assim, podendo gerar um esvaziamento libidinal correspondente à perda de si mesma? Para a compreensão dessa dinâmica pulsional, este trabalho contextualizou brevemente a história da psicanálise, principalmente sobre Freud e suas primeiras pacientes: de que maneira elas foram importantes para despertá-lo em sua busca pelo saber sobre o psiquismo e sobre o feminino? É importante reconhecer que, em psicanálise, mulher e feminino não são a mesma coisa, embora estejam articuladas em certo ponto.

Em *Um Estudo Autobiográfico* (1925-26/1996), Freud afirma que, ao ingressar na faculdade de medicina, percebeu que esperavam que ele se sentisse inferior por sua ascendência judaica. Ele relata nunca ter se sentido inferior, mas que a posição social ocupada pelos judeus foi de grande relevância para a fundação da psicanálise, pois, em função disso, foi possível pensar de maneira independente. Durante a graduação, ele se interessou pelas neuroses, que eram um enigma na época e costumavam ser associadas às doenças orgânicas, especificamente à histeria, que acometia majoritariamente as mulheres. No entanto, foi somente ao começar a escutar as histéricas que Freud descobriu um mundo diferente da medicina e da ciência, sendo esse, na maioria das vezes, sendo desconhecido, mesmo pelas próprias pacientes. Garcia-Roza (1984) afirma que toda afecção atribuída ao sistema nervoso era descrita com relação às alterações estruturais da anatomia nervosa. Assim, a histeria era um mistério, inclusive para a medicina, que, até então, tratava as doenças psicossomáticas como doenças orgânicas ou desacreditava quem as vivia (FREUD, 1956/1996).

Segundo Fulgencio (2002), justamente por não ser possível localizar uma lesão anatômica causadora do fenômeno da histeria, parte da classe médica a considerava um fingimento com o pretexto de chamar atenção. Ao longo da história, a histeria chegou a ser

considerada uma doença exclusiva das mulheres, pois os médicos da época acreditavam que a causa dos sintomas histéricos estaria no útero. Diante do dilema da histeria, Freud intensificou seus estudos, acompanhando o médico Josef Breuer em sua clínica, ainda durante sua formação, e posteriormente, ao conhecer a paciente Anna O. (Bertha Pappenheim), cujos sintomas sexuais intrigaram o médico que a tratava anteriormente. Visto que Freud aplicava a hipnose e a catarse em suas pacientes histéricas, e esse método lhe impulsionou a pesquisar mais sobre esse quadro clínico e os sintomas, ajudando a conhecê-los e tratá-los a partir de que a paciente lhe foi encaminhada (GARCIA-ROZA, 1984).

Cinco anos depois de formar-se em medicina, Freud decidiu conhecer Jean-Martin Charcot, um famoso médico francês que estudava o psiquismo (GARCIA-ROZA, 1984). O primeiro psicanalista assistiu uma apresentação em que Charcot demonstrava que poderia, por meio da hipnose, eliminar ou provocar sintomas em suas pacientes, além de demonstrar que os homens também são suscetíveis de sofrer de histeria. Freud reconhece, então, que os sintomas histéricos eram realmente psíquicos, e que, quem era acometido por esses, não tinha consciência do que lhes ocorria, tornando-se possível, afirmar que a histeria não tinha relação com a presença ou ausência de um útero. Apesar da fascinante apresentação de Charcot, Freud precisou abandonar a técnica hipnótica para criar a psicanálise, a cura pela palavra, e assim, trilhou seu percurso em busca das explicações sobre a sintomatologia histérica.

O fundador da psicanálise percebeu que os sintomas das pacientes estavam ligados a fantasias sexuais e que, dessa forma, a sexualidade desempenharia uma grande importância na compreensão do adoecimento histérico (SOLER, 2006). Assim, ao conhecer as questões que geravam os sintomas em suas pacientes, Freud estende as indagações que conheceu em sua clínica sobre a feminilidade e sobre a sexualidade, ampliando o pensamento dos sintomas individuais para o mistério da feminilidade em geral.

Não podemos deixar de notar que, muitas vezes, as afirmações freudianas estiveram permeadas por conflitos teóricos e que foram sendo revisadas incessantemente ao longo da obra. Esses impasses foram motivo de muitas críticas a respeito de sua teoria sobre o funcionamento psíquico das mulheres, sendo essa, constantemente marcada por saberes empíricos da época sobre a posição de subordinação da mulher frente ao homem e à cultura, o que, ao longo da história, foi o pensamento preponderante e que começou a ser questionado no período em que nasce a psicanálise.

Em contrapartida a essa corrente, Freud consegue, ao longo de sua obra, desmistificar os grandes preconceitos da época em relação ao que é ser homem ou mulher, tendo sua teoria grande influência nas mudanças em relação ao modo como a sexualidade passou a ser vista no

último século. Como afirma Jorge (2010, p. 29), “se a cultura hoje adquiriu maior liberdade na matéria sexual, isso se deve em grande parte aos efeitos produzidos durante todo o século XX pela obra do criador da psicanálise”. É na trilha desses desenvolvimentos teóricos que o presente trabalho busca compreender as teorias freudianas sobre o funcionamento psíquico das mulheres.

Apesar de em alguns momentos de nossa pesquisa recorrermos à visão lacaniana da teoria de Freud para compreendermos a feminilidade, este trabalho ampara-se majoritariamente na revisão bibliográfica psicanalítica freudiana e na experiência clínica que vivenciei atuando na saúde pública. Para tanto, dividimos a dissertação em três capítulos. No primeiro, *Há diferença sexual?*, percorremos os caminhos teóricos realizados pelo autor para caracterizar as diferenças de funcionamento psíquico em homens e mulheres. A princípio, foram abordadas as tramas da sexualidade infantil objetivando melhor compreender a estrutura do funcionamento psíquico, enfatizando a estrutura da menina.

Para isso, primeiramente, pesquisamos o complexo de Édipo no menino, levando em conta a passagem da fase fálica – onde ele está ligado à mãe – e como o complexo de castração o leva a ligar-se de maneira identificatória ao pai. Ou seja, levamos em conta a fase em que a relação amorosa do menino com a mãe é acompanhada de uma rivalidade em relação ao pai.

Em seguida, foi discutido o Édipo feminino e, dando continuidade ao último tópico, foi abordado também o pré-Édipo. Assim, investigamos se a passagem de meninos e meninas pelo complexo de Édipo aconteceria de maneira semelhante, seguindo o percurso de Freud, que inicialmente acreditava que eram paralelos, contudo, vai se afastando aos poucos dessa ideia ao longo de sua obra, colocando mais ênfase na relação entre a menina e sua mãe.

Para compreender a sexualidade feminina, Freud também precisou levar em conta as descobertas das analistas mulheres, como ele aponta em *Sexualidade Feminina* (1931/1996, p. 138): “tais como, por exemplo, Jeanne Lampl-de Groot e Helene Deutsch”, que deram bastante atenção às especificidades do Édipo na menina e dissertaram sobre a importância da mãe em seu desenvolvimento. Em linhas gerais, o pré-Édipo é a fase em que a garotinha ainda está ligada à mãe, visto que o Édipo na menina começa quando ela se afasta de sua progenitora em direção ao amor do pai.

Em nosso segundo capítulo, intitulado *Investimentos Libidinais e a Mulher*, abordamos o conceito de identificação na obra de Freud e sua relação com o narcisismo e os sintomas femininos. Para tanto, pesquisamos a identificação da menina com seu primeiro objeto amoroso – a mãe – e seus desdobramentos na vida de uma mulher. No segundo tópico,

observamos o desdobramento do narcisismo na obra de Freud, a diferença entre a libido objetal e a libido do eu, que são coexistentes para o autor. Ao final, expomos as observações feitas sobre a relação da feminilidade com o tipo de investimento amoroso voltado para si e quais os desdobramentos possíveis para o psiquismo diante dessa forma de amar.

Já em nosso último capítulo, tratamos das dificuldades da mulher quanto à perda do amor – tanto do homem quanto do próprio eu – e das especificidades da separação da menina de sua mãe. O objetivo, no primeiro tópico desse, capítulo é analisar a diferença entre o eu real, ideal do eu e supereu (*Überich*) e sua importância na constituição do psiquismo feminino. Em linhas gerais, Freud descreve que, na melancolia, o sujeito busca, no objeto, o ideal do eu que outrora acreditava ter ele próprio, sendo a introjeção no próprio eu desse objeto narcísico é o que leva ao adoecimento feminino, além de inúmeros outros efeitos que analisaremos ao longo deste trabalho. Além de abordarmos brevemente sobre o entrelaçamento da pulsão<sup>1</sup> de morte e o amor no feminino. Já no segundo tópico, abordaremos como essa forma identificatória de amar funciona no psiquismo e seus desdobramentos na fantasia feminina e investigaremos alguns dos motivos de sua busca por análise.

Para isto, foi descrito um caso clínico em que uma adolescente tinha uma mãe controladora e buscava, apesar de toda a forte presença da mãe, constituir-se. Esse caso foi interessante para percebermos como em muitos momentos os desejos de ambas parecem entrelaçar-se, assim como as identificações da mãe em relação à filha adolescente, que aparece como uma absorção da personalidade que atribuía à filha, o que como Freud falou seria um elemento narcísico do amor. E da saída narcísica da menina para seu isolamento e passividade, que buscava através da aparência uma nova identidade, quando os olhares dos outros voltaram-se para ela deixou-a mais confiante segura.

---

<sup>1</sup> Quanto ao termo “pulsão”, Laplanche e Pontalis (1967/1991, p. 394) esclarecem que: “na língua alemã existem os dois termos, *Instinkt* e *Trieb*. O termo *Trieb* é de raiz germânica, de uso muito antigo, e conserva sempre a nuance de impulsão (*treiben* = impelir); a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprimível da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto [...] quando Freud fala de *Instinkt*, qualifica um comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto. Em francês, o termo *instinct* [assim como em português o termo instinto] tem as mesmas implicações que *Instinkt* tem em Freud e deve, portanto, na nossa opinião, ser reservado para traduzi-lo; se for utilizado para traduzir *Trieb*, falseia o uso da noção em Freud”. Dessa forma, no presente trabalho optamos por usar o termo “pulsão” em vez de “instinto” quando nos referimos à *Trieb*.

## 1 HÁ DIFERENÇA SEXUAL?

No primeiro capítulo iremos percorrer o princípio fundamental para o início da psicanálise, a diferença sexual. Foi através desse questionamento levantado pelas histéricas que Freud também se interessou pela feminilidade e se questionou sobre a sexualidade humana, sendo a partir disso que foi possível pensar o triângulo amoroso que é o Édipo, a bissexualidade humana e como se forma a mente desde criança através dos relacionamentos, dos desejos, das proibições e das fantasias. Existe diferença na constituição feminina e masculina? Essa diferença está relacionada ao sexo biológico ou masculino e feminino são duas posições que se referem à nuances psicológicas e pulsionais que se inscrevem no corpo independente do sexo? Essas são questões que abordaremos mais detalhadamente nas próximas páginas.

### 1.1 – Édipo

#### 1.1.1 – Édipo e sonhos

Freud recorrerá aos sonhos e à literatura para compreender como a dinâmica familiar funciona. Em *Interpretação dos Sonhos* (1900/1996) e em *Sonhos Sobre Morte com Pessoas Queridas*, ele já nos revela o quanto são comuns os sonhos que visam a morte dos rivais das crianças, principalmente do genitor do mesmo sexo. Observou que as crianças que sonham com a morte dos pais, o fazem, majoritariamente, em relação ao genitor do mesmo sexo, o que só poderia ser explicado através de uma predileção desde os primórdios da infância pelo sexo oposto. Fato esse que faria que os meninos enxergassem o pai como rival amoroso, assim como, com que a menina visse a mãe como uma rival amorosa. Sendo assim, os sonhos em relação à morte do genitor do mesmo sexo poderiam ser explicados pelo desejo da criança em abrir caminho para essa satisfação (FREUD, 1900/1996).

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/1996) se baseia na tragédia *Édipo rei*, de Sófocles, para fundamentar o complexo nuclear das neuroses. A narrativa trágica do filho que mata o próprio pai e desposa a própria mãe é a pedra angular da psicanálise, pois, dessa forma, ele nos mostra a sexualidade infantil com todas as suas nuances de amor, ódio e culpa.

Por consequência, essa tragédia dá nome ao complexo de Édipo, uma fase do desenvolvimento infantil. Faremos então uma breve exposição sobre o roteiro da peça antes de prosseguirmos com nossa discussão teórica.

Laio, rei de Tebas, e Jocasta tiveram um filho chamado Édipo, que foi abandonado pelo pai por conta de uma previsão feita pelo oráculo de que o bebê que nasceria seria seu assassino. Entretanto, a criança foi salva e viveu desde a infância como príncipe em outra corte, até que a curiosidade em saber sobre sua origem o fez consultar também o oráculo, que o adverte para ficar longe de sua cidade natal, visto que seu destino era assassinar o próprio pai e casar-se com sua mãe.

Acreditando que a cidade em que já se encontrava era sua cidade de origem, ele decide ir embora, mas, na estrada que o afastaria do reino onde vivia, encontra o rei Laio e o mata de uma só vez. Após esse acontecimento, Édipo dirige-se a Tebas e decifra o enigma da esfinge para abrir caminho. Como a esfinge obturava o caminho dos tebanos, ele foi agradecido pelo povo, que o fez tornar-se rei, casando-o com Jocasta. Eles tiveram dois filhos e duas filhas, e Édipo reinou por um longo tempo. Anos depois, por conta da deflagração de uma peste na cidade, os tebanos recorrem também ao oráculo e, por fim, descobrem que Édipo tinha sido o assassino de Laio. Ao saber da verdade – que Édipo tinha matado o próprio pai e casado com sua mãe – Jocasta se mata. Édipo, por sua vez, fura os próprios olhos.

Retomemos então para a nossa pesquisa sobre a obra freudiana. Para Freud, o que faz com que essa história seja tão famosa e encontre tanta comoção é o fato de que poderia ser qualquer um de nós no lugar de Édipo. Ou seja, trata-se do complexo nuclear das neuroses, de caráter universal e singular. Assim, o primeiro impulso da criança é em relação à mãe e o ódio e desejo assassino em relação ao pai, o que seria confirmado através dos sonhos, mecanismo esse que, de acordo com a teoria psicanalítica, se trata de uma realização de nossos desejos.

Outra fonte que Freud usa para fundamentar o desejo inconsciente de incesto e parricídio é a tragédia *Hamlet*, de William Shakespeare. No enredo, o filho deveria vingar o pai, matando o assassino de seu genitor que se casou com sua mãe, mas hesita inúmeras vezes, apesar de cometer outros assassinatos sem nenhuma hesitação. O pai da psicanálise aponta que a hesitação do personagem ocorreria porque inconscientemente era ele no lugar do assassino do pai, e então afirma: “Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa – salvo vingar-se do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar deste junto a sua mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalçados de sua própria infância realizados” (FREUD, 1900/1996, p. 180).

A partir desses elementos, o psicanalista vienense propõe que as neuroses são causadas principalmente por essa intensa relação, que se torna mais acentuada no caso dos

doentes do que nas pessoas normais, tendo como objeto de amor o sexo oposto e como rival o genitor do mesmo sexo. Conforme expressado por Freud (1900/1996), nos psiconeuróticos, os sentimentos em relação aos seus genitores são iguais aos das pessoas saudáveis, porém, os afetos de amor e ódio são mais intensos.

Freud (1900/1996) afirma que o sentimento de culpa decorre desse desejo de morte em relação ao pai e pelo desejo amoroso em relação à mãe. Como acontece com a criança, que desenvolve o sentimento de culpa a partir do complexo de Édipo. Porém, no caso da menina, o que acontece é um deslocamento do sentimento amoroso da mãe para o pai. Dessa forma, o sentimento de ódio é deslocado para a mãe, como reiterado por Jorge e Ferreira (2002).

#### 1.1.2 – Édipo e o pai totêmico

O ensaio *Totem e Tabu* (1913-14/1996) ajuda a explicar como os sentimentos mais hostis e primitivos em relação às rivalidades familiares podem levar aos sentimentos mais elevados através da filogenética adquirida pelo complexo paterno. Como destacado por Freud ao referir-se a esse texto em *O Ego e o Id* (1923-25/1996), a religião, a moralidade e o senso social eram a mesma coisa. Esses sentimentos elevados teriam sido adquiridos pela filogenética através do complexo paterno em uma tentativa de dominar o próprio complexo de Édipo e a rivalidade existente em relação às próximas gerações.

Essa teoria totêmica, em relação às construções da moralidade social e das relações de rivalidade, ajudou Freud a compreender melhor o complexo de Édipo e, posteriormente, a desenvolver a teoria do ideal do eu e do supereu. Cabe ressaltar que é comum em certas tribos primitivas a existência de um totem e de um tabu. O totem geralmente é um animal (que não pode ser morto), podendo ser também uma força da natureza ou um vegetal. Esse totem serve de adoração para os membros da tribo, sendo quase como uma religião para eles. Freud acredita que daí surgiu a adoração a deuses, que posteriormente passou a ser a adoração a apenas um Deus, o monoteísmo, como relatado em *Moisés e o monoteísmo* (1939/1996).

Por sua vez, o tabu seria o horror ao incesto. Ainda nessas tribos, as mulheres pertencem a clãs, de modo que é possível saber se o clã da mulher e o do homem adoram o mesmo totem e, caso isso ocorra, eles não devem se relacionar sexualmente, havendo graves castigos para quem desobedecer a esta ordem. Freud (1913-14/1996) relata que a origem desse tabu não pode ser apenas a evitação de relações consanguíneas. Para ele, o pai primevo era violento e ciumento, detentor de todas as fêmeas do grupo, o que causou revolta entre os machos mais novos (seus filhos), que teriam se unido para matá-lo e depois devorá-lo, e assim, poderem ser livres para ficar com as fêmeas que desejassem. Porém, esse assassinato

teria trazido o impedimento que antes era externo, do pai da horda, para uma proibição interna.

Dessa forma, Freud estabelece um paralelo entre as comunidades primitivas e a família atual, em relação ao desejo sexual pela mãe e o desejo de assassinato pelo pai. Essa situação edípica existente nas famílias em todas as épocas leva à castração e à introjeção das proibições paternas pela identificação. Freud (1913-14/1996) afirma que esses dois desejos são a causa das psiconeuroses, quando a criança não reprimiu suficientemente, ou despertou novamente esse apetite.

### 1.1.3 – Édipo e a identificação

É o ódio pelo pai durante o complexo de Édipo e a identificação com ele que constroem o supereu vigilante e punitivo. Frente a isso, as características do pai serão absorvidas pela criança na construção do eu, então, se o pai era duro, violento e cruel, tente-se a introjetar tais traços na instância que o julga e critica, tornando o eu passivo em relação a essa parte autoritária do psíquico que se torna sádica. (FREUD, 1927-28/1996).

Nesse sentido, Freud (1923-25/1996, p. 17) afirma que “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra”. Complementa ainda, explicando que, ao abandonar um objeto, a pessoa o introjeta em seu eu, sendo modificado por ele.

De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito frequente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetivas abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto (Ibid.).

O autor nos mostra que, em determinadas mulheres, é fácil encontrar vestígios em seu eu dos objetos abandonados por elas. “Em mulheres que tiveram muitas experiências amorosas”, por exemplo, “não parece haver dificuldade em encontrar vestígios de suas catexias de objeto nos traços de seu caráter” (FREUD, 1923-25/1996, p. 17). Para que a libido objetual se transforme em libido narcísica, é necessário que, de certa forma, esse objeto seja sublimado sendo, então, dessexualizado.

Freud (1923-25/1996) relata que os primeiros objetos introjetados são o pai e a mãe, tendo dado uma grande ênfase na importância da identificação paterna. Ao longo deste trabalho, também investigaremos a importância da identificação materna na constituição do sujeito, em especial da menina. Além disso, apesar de não ser o enfoque de nossa pesquisa, esse fenômeno traz dimensões interessantes para pensarmos no menino, pois esse também pode, ao fim do complexo de Édipo, identificar-se com a mãe. Para compreender as

identificações com os objetos da infância, é necessário levar em conta a bissexualidade e o caráter triangular da fase edípica.

Juntamente com a demolição do complexo de Édipo, a catexia objetal da mãe, por parte do menino, deve ser abandonada. O seu lugar pode ser preenchido por uma de duas coisas: uma identificação com a mãe ou uma intensificação de sua identificação com o pai (FREUD, 1923-25/1996, p. 19).

Freud (1923-25/1996) nos aponta que esse não é o desfecho esperado, pois não seria a identificação com objeto perdido no complexo de Édipo. Mas, para ele, esse desfecho pode ser diferente, de forma que a menina passa a se identificar com seu pai após abandoná-lo como objeto de amor, o que deixaria traços de masculinidade na menina, de acordo com a sua disposição. Seguindo tal perspectiva, masculinidade ou feminilidade, em ambos os sexos, dependeriam de sua disposição sexual, o que levaria a reconhecer-se no pai ou na mãe ao fim do complexo de Édipo. Assim, a bissexualidade seria uma consequência das identificações da infância e a responsável pelas vicissitudes posteriores no complexo de Édipo.

Ou seja, é a disposição para a masculinidade ou feminilidade que leva à identificação com o pai ou a mãe, não o contrário. Isso, porém, ainda não significa uma orientação para a escolha inconsciente de um objeto específico, o que nos coloca a seguinte pergunta: essa identificação poderia ser com um pai mais passivo (feminino) e uma mãe mais ativa (masculina)? Assim, a bissexualidade é um importante elemento para explicar tanto a identificação quanto a escolha de objeto:

Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe (FREUD, 1923-25/1996, p. 19).

## 1.2 Édipo na menina

A sexualidade infantil foi, para Freud, uma grande descoberta, mas a sexualidade feminina era uma grande incógnita, de modo que, mostraremos neste tópico suas principais ideias sobre o assunto. O primeiro psicanalista percebeu que a sexualidade em homens e mulheres não seriam paralelas, apontando para características específicas de ambos os sexos. Ora, sendo assim, como se daria a construção da sexualidade na mulher? Como a menina desenvolve sua sexualidade? Tais perguntas nos orientarão através das obras de Freud.

### 1.2.1 A descoberta da fantasia

Ao começar suas investigações sobre o psiquismo de suas pacientes, Freud percebeu que existia uma intensa relação entre doença e sexualidade e, através dos relatos dessas mulheres, o autor criou a teoria da sedução, na qual um adulto – sendo, na maioria das vezes o próprio pai – seduziria a paciente, e abusaria sexualmente desta. Dessa forma, suas experiências traumáticas seriam reais e não, como ele descobre posteriormente, uma construção fantasística para dar conta dos desejos infantis. Após a análise de muitas pacientes, o psicanalista conclui sobre a importância da fantasia na constituição do trauma, o que só foi possível através da descoberta da sexualidade como algo normal no desenvolvimento infantil. Na sedução, o trauma estaria associado diretamente ao ato sexual praticado por um adulto de forma abusiva em relação à criança.

Freud percebe que existem muitas crianças com traumas sexuais, muito mais do que pais abusadores, o que ele consegue explicar através da teoria da fantasia, que foi uma fronteira para a psicanálise. Tendo isso em vista, afirma-se que a criança participa ativamente da elaboração traumática, pois elas elaborariam fantasias amorosas em relação aos genitores, tendo uma sexualidade pulsante desde a tenra idade.

James Strachey, autor das notas introdutórias do texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (FREUD, 1896/1996, p. 94), vai dizer que Freud “[...] se conscientizou do papel desempenhado pela fantasia nos eventos mentais, o que abriu as portas para a descoberta da sexualidade infantil e do complexo de Édipo”. Através da descoberta da sexualidade na histeria, o fundador da psicanálise percebe a existência da sexualidade infantil, sendo a partir disso que se abre o caminho para a descoberta do complexo de Édipo.

Assim, Jorge e Ferreira (2002) afirmam que a sexualidade infantil é dividida em duas fases: pré-edipiana (a mais primitiva) e edipiana (fálica). Dessa forma, “a passagem da fase mais primitiva para a fase fálica se marca por dois acontecimentos: a ruptura da relação dual entre mãe e filho e a descoberta da diferença sexual” (JORGE e FERREIRA, 2002, p. 27). Ou seja, a entrada na fase edipiana se dá principalmente pela intervenção do pai e a introdução da Lei, sendo essa, subdividida em duas fases: no primeiro momento, a criança tem um grande interesse pelo órgão sexual masculino e estende a existência deste a todos os seres; depois, ela descobre que, tanto adultos quanto crianças, se dividem entre aqueles que têm ou não o pênis.

Mediante a descoberta da diferença sexual, segue-se o desenvolvimento do complexo de castração. Nos meninos, esse complexo será vivido como medo de perder o pênis e, nas

meninas, como anseio de um dia vir a tê-lo, sendo essa fantasia feminina uma tentativa de encobrir a descoberta de que nem todos os seres têm esta parte. “Dessa forma, o complexo de castração se apresenta indissociável do complexo de Édipo” (JORGE e FERREIRA, 2002, p. 27).

O medo em relação às ameaças se torna importante para a subjetividade do sujeito a partir da castração, então, dependendo de qual lado se encontrar perante a ameaça de castração, este virá a se posicionar diante dos sexos, da escolha do objeto de amor e das preferências sexuais. Também é a partir dessa fase, com a entrada da lei e interferência do pai, que a criança, ao sentir a mãe como objeto proibido, interdito, também passa a introjetar o sentimento de culpa que dará origem ao supereu.

### 1.2.2 Édipo na menina

Jorge e Ferreira (2002) apontam que, enquanto no primeiro, o drama edípico se articula com a entrada no complexo de castração, de modo que o garotinho conclui: *se alguns têm pênis e outros não, eu também posso vir a não o ter*. A identificação viril dará início ao ideal do eu e à substituição da mãe por outras mulheres. Dessa forma, o menino resolveria o complexo de Édipo e sairia do complexo de castração. Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/1996), Freud também afirma a dupla orientação do Édipo no menino:

[...] em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua constituição bissexual; o menino também deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu pai – fato que descrevemos como sendo a atitude feminina (p. 147).

Há diversos momentos da freudiana em que ele situa o complexo de Édipo em alguma medida. Dentre esses momentos, destaca-se o texto *Dostoiévski e o parricídio* (1927-28/1996), onde o autor afirma que o menino deve abandonar o amor pelo pai assim como abandonou o ódio, pois, o único modo de obter o amor paterno seria pela feminilidade, o que só aconteceria a partir da castração. Ele então relata que o medo direto da castração não é normal, mas a intensificação da doença só ocorre com o acréscimo do segundo fator: “[...]o temor à atitude feminina” (FREUD, 1927-28/1996, p. 112), o que reforçaria a disposição bissexual inata e aumentaria as chances de uma neurose.

Como observado pela psicanálise, em ambos os sexos, o primeiro objeto de desejo é a mãe. Para a menina fazer essa separação, envolveria em uma aceitação de uma posição passiva quanto ao pai/homem, o que seria o impulsionador de se tornar mulher. Para isso, ocorre uma “reorganização da libido”, conforme aponta Zalcberg (2002).

Para compreender a teoria da sexualidade em Freud é necessário fazer uma investigação em seus primeiros escritos. Em *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1908/1996), por exemplo, o autor analisa as formulações que as crianças fazem para explicar a concepção de um bebê e como elas têm uma curiosidade em relação ao sexo e ao corpo. Por meio desse texto, é possível tentar compreender a influência da sexualidade infantil na construção da sexualidade feminina e masculina, apesar de apenas o Édipo masculino ser completamente explicado e esmiuçado por Freud ao longo da publicação. Nesse texto, podemos ver o nascer da teoria da sexualidade infantil e o início da construção das formulações em relação à sexualidade feminina.

Desde cedo, as crianças ficam intrigadas com a questão do nascimento de bebês, principalmente com o nascimento de um irmão, como explicitado por Freud (1908/1996). Os adultos, então, numa tentativa de negar a existência da sexualidade infantil – por acreditarem estar preservando sua inocência ou por falta de habilidades para explicar –, inventam teorias como, por exemplo, a da cegonha, segundo a qual estas tirariam os bebês das águas e os levariam para as mães.

No entanto, segundo a teoria freudiana, as crianças do sexo masculino inicialmente acreditam que todos os seres têm o mesmo órgão que o seu, atribuindo ao pênis uma grande importância, inclusive como objeto autoerótico. “O alto valor que o menino lhe concede [ao pênis] reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial” (FREUD, 1908/1996, p. 116). Dessa forma, mesmo quando o infante vê o órgão feminino em outra criança, ainda assim acredita que um dia ela virá a ter um pênis, afirmando que o órgão ainda é pequeno, mas irá crescer.

Com relação à menina, de certa forma, existiria um órgão homólogo ao pênis: o clitóris. Sendo assim, há alguma verdade na suposição de que as mulheres teriam um pequeno pênis. Freud também tratou da importância do clitóris durante a infância da garotinha, pois seria por meio dele que ela sentiria prazer, o que atribuiria um caráter masculino ao prazer da menina. Em outras palavras, é preciso apenas “uma vaga de recalque nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher” (FREUD, 1908/1996, p.

117). Ou seja, é necessário um recalque<sup>2</sup> em relação ao prazer no clitóris para que a menina se torne uma mulher, sendo que, se a mulher não conseguir fazer essa transição, isso poderá trazer efeitos em sua vida sexual. Destaca-se que a menina compartilha do mesmo interesse que o menino pelo órgão masculino: sente-se prejudicada por não o possuir e demonstra muitas vezes o desejo de tê-lo e, em sequência, o inveja. Para Freud (1908/1996), uma das formas com que a infante demonstra esses sentimentos é através da tentativa de urinar em pé. O autor também acredita que, quando ela diz que gostaria de ser um menino, estaria se referindo ao seu desejo de também possuir um pênis.

Freud, em *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923/1996), mostra como seus pensamentos mudaram desde as suas primeiras publicações sobre a sexualidade infantil. Em *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1901-05/1996), por exemplo, o autor dava ênfase às semelhanças entre a sexualidade na infância e na vida adulta, como a escolha objetual definitiva e a não completude da primazia dos órgãos genitais. Não obstante, ainda em *A organização genital infantil*, ele supõe que as semelhanças são tantas que seria mais fácil pensar no que as diferencia, como, por exemplo, o fato de o órgão masculino ser o único que a criança acredita existir e toda a importância do pênis na infância. Ele afirma que, para a criança, existe apenas um órgão sexual – o masculino. Assim, quando se percebe que algumas mulheres não possuem esse órgão, essas passam a ser vistas como castradas, ou seja, para a criança, a vagina ainda não existe, mas apenas a ausência do pênis.

No entanto, a criança ainda não estende a ausência de pênis para todas as mulheres, acreditando que são apenas as fêmeas indignas que o perderam, e a partir dessa constatação, decorre o seu medo de, por seus desejos sexuais e masturbação, ser indigna também. A mãe, por ser uma mulher respeitada, ainda deteria o pênis por muito tempo aos olhos da criança, pois, para ela, ser mulher e não ter pênis ainda não se equivalem.

Vale ressaltar que Freud (1923/1996) reafirma a importância da sexualidade infantil. Antes, ele acreditava que o principal feito da infância seria a escolha objetual, apesar de ser uma característica da puberdade – última fase do desenvolvimento da sexualidade –, onde tal escolha ocorreria com a primazia dos genitais a serviço da reprodução. Entretanto, essa ideia é reformulada a partir da argumentação de que a sexualidade infantil teria uma importância ainda maior e uma grande semelhança com a adulta, se diferenciando exclusivamente em relação ao desconhecimento do órgão feminino, existindo, então, a primazia do falo. Nesse

---

<sup>2</sup> Laplanche e Pontalis (1967/1991, p. 430) definem recalque como “operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão — suscetível de proporcionar prazer por si mesma — ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências”.

momento, Freud mostra que a criança se deparou com a castração e deve, então, fazer uma escolha a partir disso. O psicanalista também esclarece que, para entender o complexo de castração, é necessário compreender seu início durante a primazia fálica, como afirma no trecho: “Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração” (FREUD, 1923/1996, p. 85).

Ao retomar as investigações sobre o nascimento dos bebês, a criança percebe que a falta de pênis é uma característica das mulheres, uma vez que são elas que dão à luz, concluindo então que apenas homens teriam o pênis. Porém, antes disso, a criança ainda acredita por muito tempo que a mãe também teria o pênis, pois, para ela, as mulheres sem esse órgão seriam apenas as que têm impulsos recrimináveis, como os seus próprios.

A primeira questão em relação à escolha objetal, ocorre durante a fase sádico-anal, onde não há o questionamento sobre feminino e masculino, mas sim, sobre atividade e passividade (FREUD, 1923/1996). No estágio seguinte, a criança se depara com a existência do órgão masculino, dando-lhe grande importância, sendo a antítese disso, ser castrado e ter pênis. Masculino e feminino surgirão apenas após a puberdade fase em que a vagina começa a ser vista como abrigo para o pênis, de forma que se associa masculino com atividade e feminino com passividade, como podemos analisar nesse trecho: “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero” (FREUD, 1923/1996, p. 86).

A castração acontece de modo diferente em cada sexo: a menina entraria no Édipo ao se deparar com a castração e, a partir disso, começa a desejar o pênis paterno; já o menino sairia do Édipo ao deparar-se com a castração e a interdição materna. A angústia de castração levaria o pequeno varão ao período latente e à formação do supereu, como apontado por Laplanche e Pontalis (2001). Os autores afirmam que um dos fatos de grande importância no complexo de castração é a descoberta da diferença anatômica entre os sexos, que vem atualizar as ameaças recebidas pelos meninos, atribuindo-as à autoridade paterna. Para a menina, essa castração se dá em relação à privação do pênis por parte da mãe.

### 1.2.3 A castração e o feminino

Em relação ao Édipo feminino, Freud fez poucas afirmações, sendo a maioria, no início de sua obra, onde o colocava como paralelo ao masculino. Por isso, tentaremos buscar mais respostas recorrendo ao conceito de pré-Édipo. Segundo Freud, em *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1996), o caminho percorrido durante a travessia edípica em mulheres terminaria por conta das frustrações penosas ocorridas no decorrer do desenvolvimento infantil, pois a menina imagina ser aquilo que seu pai ama acima de tudo. No entanto, chega o momento em que, ao ser castigada por ele, a menina será forçada a abandonar essa feliz ingenuidade.

Mesmo quando não existem grandes desapontamentos, o fato de os desejos infantis não poderem ser satisfeitos já é motivo para a frustração e dissolução do complexo de Édipo. Quando o menino começa a interessar-se por seu órgão, descobre que a masturbação não é aceita pelos adultos. Porém, o ponto mais importante se dá quando este vê o órgão feminino, momento que ratifica as ameaças de castração, fazendo-o temer, a partir de então, a perda de seu órgão sexual.

Freud afirma que, durante o complexo de Édipo, existem duas formas de satisfação erótica: ativa e passiva. De forma ativa, a criança se colocaria no lugar do pai e agiria de modo masculino, tendo relações com a mãe; de modo passivo, se identificaria com a mãe, agiria de modo feminino e então amaria o pai. Contudo, a visão do órgão feminino e o consequente reconhecimento da castração fazem com que as duas possíveis formas de obter prazer sejam impossibilitadas, já que ambas as formas levariam à perda do pênis. “Ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como condição” (FREUD, 1924/1996, p. 103).

O interesse narcísico que a criança tem em relação ao pênis faz com que surja o conflito em relação ao temor à castração. Então, geralmente, as catexias objetais em relação aos pais são abandonadas como tentativa de proteger seu eu. “Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o eu da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (FREUD, 1924/1996, p. 103). A partir desse afastamento, a criança substitui as catexias objetais por identificatórias, de forma que, uma parte desses impulsos será sublimada e a outra substituída por impulsos de afeição, dando início a fase de latência. Assim, a criança “preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o, removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança” (FREUD, 1924/1996, p. 103).

Freud afirma, inclusive, que o complexo de Édipo é abandonado por conta da castração, mas essas afirmações só são plausíveis na criança do sexo masculino: “O processo

descrito refere-se, como foi expressamente dito, somente crianças do sexo masculino. Como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas?” (ibid., p. 104). Por sua vez, a menina também passa por essas etapas, o que leva o psicanalista a se questionar se ela também teria uma organização fálica e um complexo de castração. Mais adiante, ainda nesse texto, encontraremos a resposta: sim, mas não da mesma forma que nos meninos. No sexo feminino, o clitóris, inicialmente, funcionaria como o pênis, mas, a partir da comparação com o órgão masculino, se percebe a falta de algo em seu corpo, o que a tornaria inferior. Em outras palavras, quando a menina “efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que ‘se saiu mal’ e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade” (ibid.).

Após isso, por um período, a menina ainda acredita que seu órgão irá crescer, assim como o do menino. Porém, o sexo feminino não atribuiria à falta de pênis um caráter sexual, mas imagina que outrora tivera um órgão masculino, mas o perdeu devido a castração. Durante a fase fálica, a menina ainda não estende a castração às mulheres adultas, mas acredita que elas possuem grandes e completos órgãos. Como afirma Freud: “[...] Inteiramente segundo as linhas da fase fálica, encará-las como possuindo grandes e completos órgãos genitais – isto é, masculinos” (FREUD, 1924/1996, p. 104).

Enquanto o menino teme a castração, a menina a aceita por acreditar já ser um fato consumado. Essa percepção leva Freud a se questionar sobre o estabelecimento do supereu e a interrupção da organização genital infantil na menina, afirmando então, que: “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência” (FREUD, 1924/1996, p. 104).

### 1.3 Pré-Édipo

#### 1.3.1 A construção da feminilidade

É através das ameaças oriundas do meio externo – como o medo da perda do amor – que as mudanças parecem ocorrer na menina. Freud (1924/1996) afirma que o complexo de Édipo na menina seria mais simples, pois não passaria do fato dessa tomar o lugar da mãe e demonstrar uma atitude feminina diante do pai. Cabe ressaltar que a infante só tolera a renúncia ao órgão genital masculino por meio de uma compensação e, dessa forma, ela espera

que o pai lhe dê um bebê como um ressarcimento pela falta de pênis. Em outras palavras, “ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho” (FREUD, 1924/1996, p. 104).

Por outro lado, em *Feminilidade*, Freud (1933/1996) afirma que a menina possui grande ímpeto de ir em busca de objetos externos e de formar catexias objetais muito intensas, de modo que sua agressividade, em termos de quantidade e de violência, não deixaria nada a desejar em comparação com o sexo oposto. Na fase fálica, as semelhanças entre meninos e meninas seria grande o bastante para eclipsar suas diferenças e, assim, ambos teriam uma atitude “masculina”. Assim como os meninos aprendem a obter prazer com o pênis, as meninas aprendem a ter prazer através de seu clitóris. Nessa época, a vagina, que seria o órgão verdadeiramente feminino, ainda não existiria para ambos os sexos, sendo uma tarefa necessária para que a menina alcance a feminilidade, passar do prazer clitoriano para o vaginal. A segunda tarefa que Freud atribui à menina na passagem para uma sexualidade regular seria a mudança objetal. Inicialmente, ambos os sexos tomam a mãe como objeto, a menina, ao ingressar no Édipo, passa a amar o pai, devendo ela, ao final, passar do objeto paterno para uma vinculação objetal definitiva.

Todavia, algumas mulheres passam a vida inteira dependentes de um objeto paterno ou do pai real. Nesses casos, Freud percebe que antes existia uma relação igualmente intensa com a mãe na fase pré-edipiana, e que, as fantasias de sedução – comumente atribuídas ao pai – também podem ser encontradas nas fantasias em relação à mãe na fase pré-edipiana da menina. A troca de objeto da mãe em relação ao pai não ocorre de maneira amistosa, pois, ao contrário, estaria destinada a acabar em hostilidade e ódio em relação à mãe.

A menina se enche de queixas em relação à mãe quando se separa desta (FREUD, 1933/1996), reclamando que a genitora não a teria nutrido o suficiente, apresentando inclusive, um medo de ficar doente e ser envenenada por conta do alimento materno. Segundo o autor, parece que a avidez infantil em relação ao seio materno não teria fim. As acusações pioram quando uma nova criança nasce, ainda mais se a mãe precisar deixar de amamentar a primeira em prol da seguinte, quando as acusações passam a ter uma base real.

Desse modo, a criança não perdoa todos os cuidados dispensados ao novo integrante da família. Esses impulsos ciumentos teriam grande importância no desenvolvimento posterior, não sendo abrandados nem mesmo quando esta continua sendo a preferida de sua mãe. As exigências de amor de uma criança não têm limites e não admitem partilha; elas querem ser únicas na vida da mãe. Outra razão de hostilidade em relação à mãe seriam as

proibições atribuídas ao prazer corporal, que ela mesma teria iniciado, mas proíbe por meio de ameaças.

Apesar de toda a demanda ilimitada de amor e sua impossibilidade de realizar-se, isso ainda não seria uma explicação para o afastamento da menina de sua mãe, afinal, o menino também passaria pelas mesmas situações. Sendo assim, também não se poderia explicar a ambivalência de sentimento em relação ao primeiro objeto, que, por sua intensidade, também levaria a uma grande agressividade como o fator que afastaria a menina de forma natural de sua mãe (FREUD, 1933/1996).

Assim, voltando à pergunta que orienta este capítulo, Freud (1933/1996) afirma que a diferença na relação de meninos e meninas com a mãe seria referente à castração, pois a menina não perdoaria o fato desta tê-la feito sem pênis, deixando-a assim, em desvantagem. No menino, o complexo de castração ocorreria após ver o órgão feminino e constatar que elas não têm o pênis, e assim, lembram das ameaças que ouviram anteriormente e ficam sob o efeito do medo da castração, o que levaria ao fim do Édipo. As meninas também passam por esse complexo: ao verem o órgão do sexo oposto, percebem de imediato a diferença. Passam, então, a querer algo semelhante; sentem-se injustiçadas e ficam sob o efeito da inveja do pênis, o que deixará marcas significativas em seu desenvolvimento e levará a um grande dispêndio de energia psíquica (FREUD, 1933/1996).

### 1.3.2 Sexualidade feminina e a separação materna

A partir da descoberta da castração, Freud (1933/1996) afirma que a menina poderia tomar três destinos em relação a sua sexualidade: o primeiro seria o desenvolvimento de uma neurose ou a inibição sexual; o segundo seria agarrar-se ao complexo de masculinidade; e o terceiro seria o desenvolvimento de uma feminilidade regular. No caso da neurose ou inibição sexual, o que se evidencia é que, ao constatar o órgão do menino, ela percebe que é castrada e, sob a influência da inveja do pênis, renuncia aos seus desejos sexuais em relação à mãe e ao seu prazer no clitóris – onde, até então, obtinha satisfação sexual por meio da masturbação. Inicialmente, acredita que apenas ela seja castrada, mas, posteriormente, estende essa percepção a todas as outras mulheres e, por fim, à sua mãe fálica, objeto de seu amor. Então, ao descobrir a castração, ela também abandona sua mãe como objeto de amor.

O abandono do clitóris como órgão de satisfação sexual leva a uma grande perda da cota de atividade e o voltar-se da menina para o pai – objetivando tomar para si o pênis que não foi dado pela mãe – acontece com o auxílio de forças pulsionais passivas. Segundo Freud (1933/1996), as sinuosidades no caminho que removem a atividade fálica preparariam para a feminilidade e, se essa jornada não estiver permeada por um excesso de perdas de elementos através do recalque, essa feminilidade pode vir a ser normal. No entanto, o autor aponta que essa feminilidade só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do bebê, o que pode ser observado através das brincadeiras de boneca seriam prova de seu desejo de obter um bebê do pai.

Esse entendimento já era afirmado por Freud em *Sexualidade Feminina* (1931/1996). A fase pré-edípiana da menina seria tanto passiva quanto ativa, pois, ao vivenciar uma situação de passividade, ela tende a reproduzi-la de forma ativa, o que pode ser observado através da brincadeira com a boneca, na qual, quando ela finge ser a mãe e faz da boneca a sua filha, há a prova de uma ligação com a mãe. Como destaca Freud, “a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno” (FREUD, 1933/1996, p. 145). O mesmo acontece com outras crianças que se revezam em suas brincadeiras, ou até quando propõem uma troca de papéis para a mãe, querendo penteá-la, dar comidinha, entre outros cuidados.

Freud mostra que o desejo de um bebê seria equivalente simbolicamente ao desejo do pênis, e que, talvez o desejo do pênis deveria ser considerado, por excelência, um desejo feminino: “[...] talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino” (ibid., p. 86). Nessa vertente, voltando à questão que orienta este capítulo, podemos afirmar que, se no menino a ameaça da castração faz com que ele, durante o Édipo, abandone a mãe, com a menina observamos uma situação diferente: ao renunciar sua mãe, o oposto acontece.

O complexo de castração e a inveja do pênis que se instalam e afastam a menina de sua mãe, sendo a entrada no complexo de Édipo quase como um refúgio após uma árdua evolução, conforme esclarece Freud. Enquanto o Édipo no menino declina após essa fase, na menina ele se estenderia por prazo indeterminado e terminaria de modo incompleto. Outra questão que o psicanalista nos mostra ser pertinente para a compreensão da feminilidade é a existência de apenas uma libido.

Então, apesar da aparente polaridade entre masculino e feminino, isso não procede no campo libidinal, sendo assim, a polaridade entre uma energia passiva para as mulheres e ativa para os homens também não se sustentaria. O que muda são as finalidades libidinais, ora

dando ênfase a fins passivos, ora a fins ativos. Freud afirma que a fase pré-ediapiana feminina seria importante para ela desenvolver sua paixão, suas tarefas sociais e sua função sexual, sendo essa a fase responsável pela atividade e masculinidade na mulher, inclusive nos desenvolvimentos sociais posteriores.

Na mulher adulta, é difícil saber o que é de seu sexo e o que se deve à educação social, mas, segundo Freud (1933/1996), poderíamos atribuir ao conceito de narcisismo a forma como mulheres costumam se relacionar: para a mulher, ser amada seria mais importante que amar. Ainda que na fase pré-ediapiana a menina tenha um rival, sua hostilidade com ele não alcança a intensidade que alcançaria no menino, pois, da mesma forma que esse relacionamento teria uma intensidade de amor muito grande, ele parece se transformar em ódio após a menina afastar-se da mãe.

Além disso, outro motivo que Freud aposta como um dos causadores do afastamento da menina de sua mãe é o fato desta ser a guardiã de sua castidade durante a adolescência. O principal motivo de censura da menina em relação à sua genitora, ao fim do pré-Édipo, seria o fato de ela ter vindo ao mundo sem pênis, assim como sua matriarca. A ambivalência do sentimento infantil por sua cuidadora ocorreria por esta ter sido seu primeiro objeto e, dessa forma, ser tão intensamente amada. O menino passaria por essa intensidade na relação com a mãe também, mas teria a saída de voltar à hostilidade dessa relação para o pai. A menina sente todos os cuidados maternos como uma sedução que será posteriormente transferida para o pai:

Mães me contaram com frequência, a título de observação, que suas filhas de dois e três anos de idade têm prazer com essas sensações e tentam conseguir que suas mães as tornem mais intensas através do tocar e do esfregar repetidos (FREUD, 1931/1996, p. 146).

Esses elementos nos levam de volta às questões que norteiam nosso trabalho. A forma de amar preferencialmente narcísica das mulheres seria uma prova de sua ligação pré-ediapiana com sua mãe? Essa prova se daria pela via da identificação e amor objetal simultaneamente? Já que Freud (1931/1996) afirma que a menina faz uma escolha amorosa pela identificação, ela imagina estar buscando o pai, mas termina encontrando um tipo de relação como a que teve com a mãe, pois, para ela, a mãe seria seu objeto tanto de identificação como sexual da primeira infância.

A partir da pesquisa desenvolvida neste capítulo em relação ao Édipo foi possível verificar que algumas questões se entrelaçam na relação da mulher com o narcisismo através das investigações feitas sobre a especificidade do Édipo feminino. Nesta fase a menina teria a

mãe como objeto de identificação e ao mesmo tempo como objeto amoroso, assim como acontece na forma de amar narcísica, onde o ser amado seria também aquele com quem a mulher se identifica. Mediante esses entrelaçamentos na teoria freudiana, o trabalho buscou compreender a especificidade da constituição feminina e seus desdobramentos em sua constituição narcísica.

A partir das análises realizadas ao longo deste estudo, foi possível esmiuçar, no segundo capítulo, a relação do feminino com o narcisismo e, principalmente, qual seria a relação do pré-Édipo na menina com sua distribuição libidinal.

## 2 INVESTIMENTOS LIBIDINAIS E A MULHER

Conforme abordamos no último capítulo, a identificação faz parte da construção da identidade do sujeito. Neste capítulo vamos abordar a identificação na obra freudiana e as possíveis consequências da identificação feminina para os investimentos libidinais da mulher, além de investigarmos como os investimentos narcísicos da mulher podem estar relacionados com sua ligação identificatória com a mãe.

### 2.1 O reflexo de mim: o Outro

#### 2.1.1 Identificação e incorporação

Conforme abordamos anteriormente, a identificação teria origem na infância. No caso do menino, ele se identificaria com o pai, a fim de tomar o seu lugar e introjetaria as características deste no intento de conquistar a mãe, enquanto na menina, a identificação seria em relação ao objeto materno, a fim de conquistar o pai (FREUD, 1921/1996). Porém, como reformulado por Freud, a primeira identificação, independentemente do sexo, se daria no olhar do outro, no olhar da mãe, onde a criança identificaria a si mesma como objeto de desejo de sua cuidadora.

Como afirma Zalcberg (2003), para a mulher, sua identificação inicial depende do reflexo que vê no olhar do outro e isso pode ter uma extensão catastrófica. A autora ainda afirma que antes mesmo do nascimento já existe a criança imaginada pela mãe, que serviria de mediação entre o bebê na fantasia e na realidade. A criança irá, a partir da imagem que a mãe aponta, identificar-se com seu ideal, o que é inicialmente satisfatório em relação ao amor e faz com que ela consiga se sustentar. Freud (1921/1996) ainda relata que a identificação é o vínculo mais primitivo que une os homens. Sendo assim, os estados de regressão são caracterizados por retornarem a essa fase do desenvolvimento. Segundo o autor, na sociedade, uma das maneiras que acontece a passagem do ódio ao amor seria através da identificação. Após a superação da rivalidade anteriormente existente, o objeto pode tornar-se amado ou o indivíduo pode identificar-se com ele (FREUD, 1923-25/1996).

No texto *Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1915),

Freud relata que sua paciente, através de uma forte ligação homossexual à mãe, havia entrado em um delírio paranoico ao tentar afastar-se do domínio materno e ir em direção ao amor de um homem. Esse caso clínico foi importante também para a compreensão do autor de como a origem narcisista de uma escolha amorosa está articulada à relação da menina com a mãe e ao desejo homossexual.

Tomemos então o caso em análise: a jovem paranoica havia procurado um advogado, alegando que havia sido fotografada enquanto foi encontrar um homem que conheceu em seu trabalho. Ela o acusava de querer, através dessas fotos íntimas, obrigá-la a pedir demissão. O advogado, ao perceber o cunho patológico dessas acusações, buscou ajuda psiquiátrica para a moça, que, apesar de desconfiada, aceitou contar a história ao médico. Freud relata que a jovem ocupava um cargo de responsabilidade e era bem quista por seus superiores, mas que nunca procurou relacionar-se com nenhum homem, vivendo até seus trinta anos tranquilamente com sua mãe. Como seu pai havia morrido há muito tempo e ela não tinha nenhum irmão ou irmã, sua mãe idosa contava apenas com ela.

No entanto, após receber atenção de um empregado da mesma firma, sentiu-se atraída por ele e, após ele prometer não a expor de nenhuma forma, aceitou visitá-lo. Durante o encontro, escutou um barulho vindo de perto da cortina, que o homem explicou ser o relógio que ficava na escrivaninha. Porém, quando ela estava descendo a escada da casa, ouviu dois homens murmurando algo, sendo que um deles carregava algo que parecia uma máquina fotográfica. A partir desse momento, a jovem começou a formular a hipótese de que a pessoa que estava na escada fora contratado para ficar atrás da cortina e tirar fotos suas.

Ela então começou uma perseguição com seu colega de trabalho, pedindo explicações e, tanto pessoalmente quanto por cartas, o homem tentou convencê-la – em vão – de que não havia feito nada. Freud explica que os pacientes neuróticos lutam contra tendências homossexuais, o que denota uma escolha objetal narcisista, sendo o perseguidor alguém que a pessoa ama ou amou no passado. Porém, nesse caso, o autor se depara com uma jovem que acredita que seu perseguidor é do sexo oposto.

Ao dar continuidade à análise da jovem, Freud descobre que ela havia visitado esse homem duas vezes, portanto, os detalhes que ela não havia contado se tornaram de grande importância para ele compreender o mecanismo por trás de uma paranoia que tem como perseguidor o sexo oposto. O psicanalista explica que o episódio do relógio aconteceu na segunda visita da jovem; na primeira vez que visitou o colega não havia acontecido nenhum fato importante, porém, no dia seguinte, quando a jovem retornou ao trabalho, o homem que visitara estava no seu escritório conversando com uma senhora, que a paciente disse ser

parecida com sua mãe e que, anteriormente a este fato, acreditava ser especial para essa senhora. Ao ver os dois conversando, passou a acreditar que eles falavam dela e que tinham um caso amoroso. Ela considerou as atitudes da senhora no decorrer do dia como provas de sua teoria e começou a recriminar o amante, que, apesar de negar com veemência suas acusações, não conseguiu dissuadi-la por muito tempo de seus pensamentos.

Nesse caso, a idosa estava ocupando o lugar da mãe da paranoica, e o homem, o de seu pai. Esse casal improvável ajudou Freud a compreender que realmente se tratava de uma patologia e que a paranoia da jovem tinha uma raiz homossexual muito forte. Ao compreender o início do delírio da paciente, o autor percebe que o perseguidor original de quem ela quer escapar, na verdade, é uma mulher. A moça passou a acreditar que a mulher soube de seu relacionamento amoroso e o desaprovou, começando então, a fazer diversas insinuações. O analista afirma que sua paciente era tão apegada ao seu próprio sexo que não conseguia ter como objeto amoroso uma pessoa de outro sexo e o amor por sua mãe era tão poderoso que se tornou o porta-voz de sua consciência, a impossibilitando de desenvolver um relacionamento com um homem.

Uma mãe deter o poder sobre a sexualidade da filha é um fato comum, mas cabe à filha livrar-se deste. Como indicado por Freud, a relação que a filha estabelece com a mãe dependerá da imagem de outrora desta, e não de sua relação maternal atual. O autor ainda aponta que, apesar da jovem ser órfã de pai, isso não explicaria o motivo pelo qual ela se manteve afastada de homens por tanto tempo. Para ele, apenas a forte ligação emocional com a mãe conseguiria tal resultado. No entanto, ao começar a sentir uma forte atração por um homem, sua ligação emocional com a mãe tornou-se um empecilho para o romance e, ao tentar livrar-se dessa ligação homossexual, a jovem começa a acreditar que a mãe a observa, passando a projetar na genitora uma perseguidora hostil e má. Freud nos esclarece que, apesar desse afastamento da mãe, como ela ainda não havia se ligado de maneira tão forte aos homens, começou a acreditar que ambos tramavam contra ela.

Durante a segunda visita ao homem, as circunstâncias que se apoiavam na realidade acabaram fazendo com que a jovem rompesse de vez com seu galanteador, concretizando o complexo materno. Freud esclarece que, apesar dessa ancoragem na realidade, o delírio não acontece por conta dela, pois suas tendências à paranoia a levariam a encontrar outro acontecimento que ligasse o seu comportamento a algum tipo de perseguição, como aconteceu com a senhora de seu trabalho, que era, em sua mente, a substituta materna.

Freud explica que seu delírio tem raiz em uma fantasia muito mais primitiva: a observação da relação sexual entre os pais. “Chamo tais fantasias - da observação do ato

sexual dos pais, da sedução, da castração e outras - de ‘fantasias primevas’; examinarei, em outro lugar, com detalhes, sua origem e sua relação com a experiência individual.” (FREUD, 1915/1996, p. 158). O ruído que a jovem ouviu despertou nela o medo de estar sendo ouvida, assim como os pais costumam sentir esse medo durante o ato sexual, ou a criança ser ouvida enquanto observa os pais.

A jovem colocou o amante no lugar de seu pai e ela tomou o lugar de sua mãe, então, o observador do ato seria uma terceira pessoa. Podemos compreender, através dos relatos de Freud, que a jovem se libertou da dependência homossexual em relação à mãe por meio de uma regressão que a levou a identificar-se com esta. “A possibilidade dessa regressão aponta para a origem narcisista de sua escolha objetal homossexual e assim para sua disposição paranoica.” (FREUD, 1915/1996, p. 159). Dessa forma, percebemos que a dimensão que o narcisismo toma em uma mulher pode ser um dificultador no processo de separação da mãe e criação de um novo laço amoroso.

Freud analisou que, mesmo na psicologia individual, raramente ignoramos a relação do sujeito com os outros, tanto que as relações familiares fazem parte da fundamentação psicanalítica através da sexualidade infantil, explicada através do complexo de Édipo. Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1996), o autor parte da análise da sociedade para compreender o funcionamento psíquico, singular, além de traçar as diferenças comportamentais entre o sujeito sozinho e o que faz parte de um grupo. Nessa obra, também compreenderemos sobre o sentimento homossexual entre os homens e a importância que Freud atribui a este sentimento para a fundação e continuidade da sociedade. Na leitura desse texto, nosso principal interesse é o de investigar como a pulsão varia seu destino em cada uma dessas situações descritas por Freud, ou seja, como o sujeito ama quando está sozinho, com as pessoas mais próximas de sua convivência ou em grupo.

O que caracteriza um grupo é sua união por um determinado período e imbuído de um determinado propósito. Nas palavras de Freud (1921/1996), ao mesmo tempo que o indivíduo vê no desconhecido um inimigo, para aqueles que são seus semelhantes – membros de seu grupo –, é capaz de fazer atos de grande altruísmo. Dentro de um grupo, as pessoas deixam toda a inibição de lado, o que pode trazer tanto as maiores realizações construtivas quanto emergir os mais primitivos dos instintos que levam à destruição. No entanto, o indivíduo sozinho ganha muito mais no que se refere à capacidade intelectual, mas, ainda assim, é necessário tanto um momento de sociabilidade, quanto um momento solitário para o indivíduo realizar façanhas intelectuais.

A mente grupal funcionaria como a das crianças e dos neuróticos: com ideias contraditórias coexistindo paralelamente. As palavras têm um grande poder sobre o grupo, tanto para incitá-lo a grandes realizações quanto para grandes destruições, o que Freud também compara com a sociedade primitiva, onde o poder da palavra era mágico. O grupo não anseia pela verdade, mas requer ilusões, comparando-se à neurose, que busca nas fantasias, e não na repetição da experiência real, a satisfação para um desejo irrealizado. Pessoas dentro de um grupo tendem a seguir um líder que mostre ter uma fé muito intensa, sempre capaz de demonstrar força e, até mesmo, despertar medo em seus seguidores, fenômeno que o psicanalista comparará ao sentimento do hipnotizado em relação ao mestre. Os líderes estão geralmente atrelados a uma ideia maior, um ideal, porém, eles se misturam, de forma que, diante da morte do líder, muitos grupos se dissolvem instantaneamente. Freud (1921/1996) nos lembra que existem grupos espontâneos também – as multidões. Nesse caso, é necessário que os indivíduos tenham algo em comum que os unam e, mesmo assim, eles não duram muito e são incontroláveis.

O grupo mostraria o indivíduo de uma forma menos voltada para si mesmo, onde o único limite que o amor narcísico conhece é o amor ao outro. “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos.” (FREUD, 1921/1996, p. 63). O amor altruísta, segundo o autor, também pode ser encontrado na relação do homem com a mulher, quando demonstram cuidado com o que há de mais valioso a elas:

E isso é verdade tanto do amor sexual pelas mulheres, com todas as obrigações que envolve de não causar dano às coisas que são caras às mulheres, quanto do amor homossexual, dessexualizado e sublimado, por outros homens, que se origina do trabalho em comum. (FREUD, 1921/1996, p. 64)

A libido é desviada dos objetivos sexuais quando o sujeito está em sociedade, existindo outra força que liga o indivíduo ao grupo: a identificação. Freud observa que a identificação é a emoção mais remota que une os indivíduos, explicando que ela faz parte da infância e que, no caso do menino, abre caminho para o complexo de Édipo. Essa identificação do menino com o pai se dá pelo desejo de tomar a mãe como objeto amoroso, pois, tomar o pai como modelo é a chave para ser amado e conquistar a mulher que ele deseja. Assim, a identificação é ambivalente, de forma que, hostilidade e amor coexistem em relação aos dois genitores.

A identificação está relacionada à fase oral e primitiva, associada ao canibalismo, pois em tal prática, o inimigo é devorado para que seus atributos admiráveis sejam apreendidos por quem o devora (FREUD, 1921/1996). Porém, o menino pode colocar-se de forma passiva em relação ao pai e fazer dele seu objeto amoroso; no caso da menina, o mesmo pode acontecer,

fazendo-a buscar o amor da mãe de forma ativa.

A identificação na histeria pode aparecer na forma de um sintoma, por exemplo, quando a menininha se identifica com a mãe doente – tomada como rival – e, então, desejar tomar o lugar dela. Freud nos ensina que este é um sinal da culpa existente quando há um desejo em relação ao pai. No caso da histérica, esta ambivalência é muito comum de ser observada em seus sintomas.

Existe ainda a identificação com o objeto amado, que, como Freud (1921/1996) explica, foi observado no caso Dora, onde a paciente, ao cuidar de seu pai enquanto este estava doente, passou a tossir como ele, ocorrendo uma regressão primitiva que fez o amor objetual deslizar para um estado primitivo de identificação. O laço emocional mais original é o da identificação, então, quando existe o recalque, a escolha objetual regride ao estado primitivo da identificação, absorvendo as características do objeto de amor. De acordo com o que o autor expõe, a identificação pode se apresentar de três maneiras: como o afeto mais primitivo que temos, como a incorporação no eu do objeto que foi abandonado e como uma característica compartilhada com alguém que não é o objeto sexual. Esse último, Freud afirma ser o encontrado nos grupos, sendo o líder, esse traço necessário ao laço entre os membros.

A partir disso, podemos considerar que a homossexualidade acontece quando o menino, na puberdade, ao invés de abandonar a mãe, identifica-se com ela. Dessa forma, ele buscaria alguém que lhe proporcione o mesmo amor que sua mãe outrora lhe deu, mas, para que isso aconteça, será necessário que esse abandone seu amor objetual para identificar-se com o objeto de amor. A criança substitui o amor sexual pelo amor afetuoso por conta do recalque, sendo capaz de amar os objetos mesmo em estados em que não está apaixonada. Na adolescência, quando o impulso sexual se fortalece, o sujeito é capaz de amar um objeto das duas maneiras, salvo casos em que o objeto amado de forma afetuosa e respeitosa se diferenciara do objeto de amor sexual, que deve ser desprezível e não amável para o sujeito.

Nos casos em que ocorre o amor sensual, o sujeito não consegue discernir sobre as qualidades do objeto, exaltando-o e idealizando-o, ao ponto de emprestar a ele grande quota do narcisismo transbordante de seu eu. Em troca, ele espera que o objeto cumpra a função de seu inatingível ideal do eu, o que não é difícil, já que o objeto fica livre de grande parte das críticas por parte do amante, como enfatizado por Freud (1921/1996). O eu apaixonado se empobrece para ceder energia ao objeto amado e, no caso do amor insatisfeito, esses traços de humildade egóica são ainda mais aparentes. A cada encontro sexual, a supervalorização do objeto diminui. Ao comparar o estado de hipnose ao de estar amando, Freud explica que este é o estado que mais se aproxima do sentimento grupal, se diferenciando apenas pela ausência

de impulsos sexuais.

O grupo tem uma tendência a ter emoções exacerbadas e incontroláveis. Freud (1921/1996) afirma que esses fortes impulsos que o contágio grupal causa são um enigma, principalmente porque não seria apenas o líder que influenciaria os indivíduos, de forma que todos os membros se influenciam mutuamente. Para o ser humano, não estar sozinho é fundamental para que ele não se sinta desamparado, como as crianças demonstram através do medo.

De acordo com o preconizado por Freud (1921/1996), a pulsão gregária foi colocada ao lado da pulsão de nutrição e sexo, mas elas entram em conflito, já que, para a existência do grupo, são necessários o sentimento de dever e a culpa, uma vez que esse é avesso a mudanças e ao diferente. Até a fala acontece por conta da pulsão gregária, partindo da nossa necessidade de entendimento mútuo. Essa pulsão, diferentemente das outras, não seria primária. Mesmo a criança, quando manifesta medo ao afastar-se da mãe, estaria demonstrando a angústia por conta do recalque. Sua natureza social não se apresenta ainda, pois, quando um estranho se aproxima da criança, ao invés de amparo, se sente medo. Quando um novo irmão chega, o sentimento que surge é o de inveja, mas por não poder cultivar esses sentimentos sem prejudicar-se a si mesmo, a criança passa a desenvolver o sentimento grupal.

Freud (1921/1996) explica que essa tendência a se identificar com outros indivíduos que compartilham de amor pelo mesmo objeto pode ser observado em fãs que se aglomeram e divertem-se juntos, prestando homenagens ao ídolo. Para que a pulsão grupal possa existir é necessário que todos os indivíduos do grupo acreditem ser amados pelo líder. Esse sentimento de ser amado de forma igual, para o autor, remete ao sentimento da horda primeva, onde todos temiam da mesma forma o líder grupal.

Ainda nesse texto, Freud observou que essa separação ou estreitamento entre eu e ideal do eu podem causar impactos nos estados psíquicos do indivíduo, pois isso gera uma satisfação que leva ao abrandamento do sentimento de culpa e inferioridade. O analista então, explica que a mania, por exemplo, acontece devido ao estreitamento do ideal do eu com o eu, enquanto a melancolia aconteceria quando a imagem que temos de nós mesmos já não corresponde ao nosso ideal, ou seja, a aproximação ou afastamento do eu com o ideal do eu influencia diretamente nos estados psicológicos de quem sofre de depressão cíclica.

### 2.1.2 Identificação e desejo insatisfeito

Freud afirma que a humanidade teve de passar do amor individual para o grupal. Dentro dos grupos, não existe a distinção entre homens e mulheres, sendo a libido encontrada ali tanto heterossexual quanto homossexual, apesar de a segunda ser mais facilmente observável. Destaca-se que o neurótico, quando não faz parte desses grupos, ele mesmo monta seus rituais, que indicam seus impulsos sexuais recalcados.

No entanto, a identificação masculina seria mais fácil de ser encontrada através do pai, enquanto a feminina é inexistente, pois a mãe não tem a resposta para o que é o feminino. O feminino seria, então, a ausência do falo, o vazio, o buraco misterioso que nem as mulheres compreendem. Segundo Zalcberg (2003), as meninas encontrariam a identificação masculina no pai, mas na feminina, sempre se voltariam para a mãe procurando-a, porém, isso é algo que elas próprias teriam que construir, o que será facilitado ou dificultado de acordo com a maneira que a mãe lida com sua própria falta.

Para encaminhar tais questões, recorreremos ao texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920/1996), onde Freud expõe que a tentativa de suicídio da jovem homossexual só seria possível por sua identificação com a mãe, que acabara de ter um bebê. Para elucidarmos tal afirmação, tomemos o caso exposto no artigo em análise.

O pai da jovem de dezoito anos procurou Freud pois sua filha estava se encontrando com uma mulher de má reputação e a galanteando tal qual um homem faria a uma mulher que desejasse. Os pais relataram ao analista já perceberem um interesse anterior da paciente por outras jovens, fato que se comprovaria por seu total desinteresse em rapazes. Além disso, eles ficavam extremamente incomodados com o fato de a filha aparecer em público, sem nenhum receio, com uma mulher considerada de má reputação, além de chocarem-se com as mentiras que a jovem inventava para não perder a oportunidade de vê-la.

A jovem homossexual corteja uma mulher mais velha e de má reputação após perceber que seria muito difícil para ela encontrar um lugar na relação entre seu pai e mãe, pois a mãe era jovem, bonita e parecia preferir o irmão, enquanto seu pai, apesar de bruto, era submisso à esposa. Esse caso de identificação com a mãe seria um indício da importância do pré-Édipo e da relação com a mãe na vida da mulher?

[...] tendo a análise explicado o enigma do suicídio da seguinte maneira: é provável que ninguém encontre a energia mental necessária para matar-se, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem (FREUD, 1920/1996, p. 101).

Atendendo as históricas, Freud percebe o quanto é importante manter um vazio por intermédio da demanda insatisfeita, pois é através da falta que pode surgir o desejo. Como

apontado por Zalcberg (2003), o caso da jovem homossexual nos ajuda a compreender a posição feminina de insatisfação. Quando seu pai engravida sua mãe, saindo desse lugar de pai simbólico e trazendo uma criança no lugar do vazio, então ela se atira da ponte numa tentativa de suicídio. Por meio desse ato, ela busca, então, mostrar ao pai que não é a mulher completa que se ama, mas a marcada pela falta.

Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), ao analisar o sonho de uma de suas pacientes, afirma que ela, para contestar sua teoria de que os sonhos são realizações de desejos, lhe conta um sonho seu que ia por um caminho oposto ao da satisfação de sua vontade. Nesse, ela gostaria de oferecer um jantar em sua casa, onde havia apenas salmão defumado e, por ser domingo e todas as lojas estarem fechadas, sua intenção é frustrada. O psicanalista então, pede para que ela conte o que havia acontecido na véspera desse sonho para contextualizá-lo.

A jovem explica que o marido havia dito que não pretendia aceitar o convite para nenhum jantar, pois já estava muito gordo, enquanto ela estava louca para comer um sanduíche de caviar, porém, implorava para que o marido não atendesse ao seu desejo, ainda que ele pudesse fazê-lo prontamente. Também contou que seu companheiro sempre elogiava sua amiga, porém, a achava muito magra – característica que não era atraente para ele. Em conversa com sua amiga, essa lhe confessa o desejo de engordar e pergunta quando a paciente ofereceria um de seus deliciosos jantares. Freud logo conecta o fato de sua paciente ter ciúmes de sua amiga ao medo de engordá-la dando jantares e deixá-la mais atraente para seu marido.

Ela segue contando que salmão defumado era o prato preferido de sua amiga, o que leva o analista a concluir que, ao não conseguir dar o jantar no sonho, a paciente estava negando o principal desejo de sua amiga: comer salmão e engordar. Desta forma, fica demonstrado que ela estaria realizando o seu desejo de não deixar amiga mais atraente para o marido. Também se apresenta uma identificação da açougueira com sua amiga, que ficou insatisfeita no sonho, assim como ela estava por não comer caviar.

Freud explica que a identificação exerce um importante papel na histeria, pois ela pode demonstrar não apenas seus próprios sintomas, mas o de inúmeras pessoas. O autor afirma que o elemento sexual é muito importante, pois a histérica consegue assimilar mais facilmente os sintomas das pessoas com quem teve relações sexuais ou com quem manteve relações com esta pessoa. Assim, a açougueira analisada, identificou-se com a amiga por desejar admiração do marido direcionada a ela.

O psicanalista vienense também propõe um terceiro tipo de identificação, onde não existiria um afeto em relação a quem se identifica, porém, um fato pode fazer com que o eu de

um sujeito se identifique com o eu da outra pessoa. Sobre isso, o autor (1921/1996) traz como exemplo uma menina que se enclui ao saber do recebimento de uma carta de amor por sua colega de internato. Ao sentir ciúmes da trama amorosa, ela também passa a apresentar os mesmos sintomas do sofrimento de sua colega, o que se alastra também entre as outras internas. Esse contágio a partir do desejo de receber uma carta de amor será chamado pelo psicanalista de infecção mental.

Outro caso clínico que Freud (1905/1996) analisou foi o de Dora, paciente que ele acreditava ter a chave para o enigma do feminino. Com Dora, Freud percebe a importância de outra mulher na vida de uma menina. Inicialmente, o analista acreditou que as queixas de Dora em relação ao Sr. K eram porque ela estava apaixonada por este. Porém, na verdade, a jovem buscava na amante de seu pai o ideal de feminilidade que não havia conseguido através da mãe. Depois disso, a paciente buscou na governanta de sua casa uma ancoragem feminina, mas após perceber que o único interesse dela era seu pai, ficou muito decepcionada. Sua última tentativa, antes de ser levada à análise, de buscar uma mulher com quem pudesse se identificar, foi a mulher do vizinho, a Sra. K., com quem o pai se relacionava.

Ao compreender que a maior parte do ressentimento que ela carregava foi por perceber que o que o Sr. K falou ao pai sobre ela ser sexualmente curiosa eram por conta de conversas que a jovem teve com a senhora K., isso significaria que a Sra. K a havia traído, já que Dora conversou apenas com ela sobre assuntos sexuais, ou seja, a amante de seu pai a traía. Segundo Freud (1905/1996), Dora acreditava, até então, ter uma importância na vida da Sra. K, mas, com a traição sofrida, percebe que ela queria apenas o amor de seu pai.

Mas o que Dora realmente não perdoou foi a confissão do Sr. K., que disse não amar a própria mulher. Nesse momento, a jovem perde seu ponto de referência feminina, pois, se uma mulher não encarna essa imagem de perfeição aos olhos dos outros, como poderia ela vir a encarnar? Ao perceber que a Sra. K não era amada por seu marido, Dora imagina que seu pai não a ama também e que, dessa forma, ela não ocupa um lugar nas trocas simbólicas entre seu pai e a amante. Desespera-se, então, ao imaginar que seu pai a deu como moeda de troca para compensar o Sr. K pela ausência de sua esposa e, sendo assim, Dora conclui que seria apenas um objeto para seu pai, de modo que, passa a exigir que ele deixe a Sra. K, mulher que antes admirava e se identificava, sendo este o motivo que a levou à análise. Zalcberg (2003) aponta que Dora buscava fazer parte das trocas simbólicas entre o pai e a Sra. K. e, para isso, acobertava o romance entre eles e aceitava a corte do Sr. K e que, por isso, ela teria perdido o interesse nos K. após seu galanteador dizer que não amava a esposa, figura que Dora se identificava e buscava compreender o mistério feminino.

O panorama apresentado nos leva à questão: a menina, por não estar totalmente ancorada em um significante fálico, buscaria insaciavelmente um modelo de feminilidade que poderia remontar a relação pré-edípica com sua mãe? Apesar de Dora aparentemente desejar descobrir qual o desejo do Outro (seu pai) em relação ao feminino, o objeto feminino de interesse dela ocupa um lugar que deve ser amado para sustentar esse ideal de feminilidade, e não um lugar de rivalidade, como seria mais fácil de supor.

Através desse e dos outros casos clínicos já citados, é possível perceber que, para a mulher, se faz necessária uma ancoragem na imagem de outra mulher, para quem possa endereçar seu questionamento: “o que é ser mulher?”. É ao idealizar que uma mulher encarna a feminilidade que, através da imagem de outra, ela flerta com essa possibilidade, que, apesar de irreal, faz-se necessária na constituição feminina.

## **2.2 A mulher e o espelho**

### **2.2.1 Narcisismo e constituição do eu**

A busca constante da mulher por outra com quem possa se identificar inicia-se através de sua intensa relação com a mãe, pois, uma vez que essa a teria trazido ao mundo castrada e seria incapaz de dar a resposta sobre sua feminilidade dá início a uma rivalidade e, em alguns casos, até mesmo à repulsão da figura materna.

A partir dos desdobramentos dessas questões, surgem outras, que serão tratadas ao longo deste estudo: seria o narcisismo a reunião nessa escolha das duas formas de amar encontradas na mãe durante e o pré-Édipo? Pela via da identificação e do amor objetal, a menina daria início a uma forma de amar narcísica ao encontrar um objeto que corresponda ao seu ideal egóico? A fantasia levaria ao amor narcísico, principalmente no caso da mulher, que, para encobrir a falta descoberta quando tomou conhecimento que seu órgão era diferente do masculino, usaria o amor fantasiado em relação à própria imagem para encobrir o buraco da castração? Em uma era da imagem, onde os olhares sobre as mulheres são constantes, o olhar que a mulher busca é o que existiu na origem de sua relação afetuosa, a busca da completude que existiu inicialmente com os primeiros cuidados e que, através do olhar, cobriu o corpo feminino para que ele se integrasse.

Outro sentimento comumente relacionado às mulheres seria o ciúme, fenômeno que, apesar de ser mais frequentemente encontrado em pessoas do sexo feminino, observamos que

este não é tão destrutivo, principalmente para terceiros. O próprio eu da mulher é quem corre perigo nesses casos, pois esta, ao sentir ciúmes de outra, estaria na realidade fascinada pela imagem suposta que esta ocuparia no olhar do outro?

Dessa forma, uma desvalorização do eu – como acontece de forma mais intensa na perda de um amor narcísico – pode levar o sujeito feminino à perda de identidade, pois, assim como anteriormente a criança necessitou do olhar e amor materno, agora faz-se necessário que esse cuidado seja reeditado. Isso pode ser observado principalmente no caso das mulheres, que, através da identificação, projetam muito mais em seus amores o seu próprio ideal do eu. Freud também relaciona o medo da perda do amor ao medo da reedição da castração, pois, para ele, a mulher buscaria através do amor ou do filho a compensação para sua castração.

Em *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914/1996), Freud pensa a diferença entre o eu e os objetos externos, o que nos auxiliará a pensar a separação da criança em relação à mãe. Para o fundador da psicanálise, narcisismo é tratar o próprio corpo como objeto de amor, acariciando-o, contemplando-o e afagando-o até a satisfação total. Muitas patologias – como a psicose e as perversões – têm sua origem no narcisismo, quando este absorve o sujeito, impedindo-o de ter relações objetais consideradas regulares. No entanto, o narcisismo é um complemento libidinal à pulsão de autopreservação, assim como é um importante elemento no desenvolvimento do sujeito, também sendo encontrado nas pessoas que não possuem patologias mentais. Inicialmente, mãe e bebê seriam um só e, a partir da percepção da existência de um Outro – ou seja, da separação – é que o eu se constitui. As pulsões autoeróticas são aquelas que se encontram desde o início no indivíduo, já o eu precisa ser desenvolvido, e assim, algo precisa ser adicionado ao autoerotismo para o desenvolvimento do narcisismo e do eu.

Conforme apontado por Freud (1914/1996), o estado contrário da paixão – onde ocorre um grande investimento libidinal no objeto – seria aquele em que o sujeito retira sua libido objetal para o seu próprio eu, sendo esse último também encontrado também nas psicoses. O autor nos lembra que inclusive dores físicas são capazes de fazer com que um indivíduo deixe de amar, de forma que, enquanto a dor permanecer, o interesse do eu e a libido compartilham o mesmo destino.

Dessa forma, podemos perceber que existe uma grande fluidez libidinal, ou pelo menos, pode vir a existir, como exporemos adiante. Nos casos em que se observa uma inflexibilidade da libido para ir ao eu e retornar ao objeto, como em caso de frustrações, pode ocorrer então o adoecimento do indivíduo. Freud (1914/1996) afirma que nosso aparelho

mental é capaz de lidar com as tensões existentes quando a libido excedente não pode ser escoada para fora ou quando não for o momento desejável para que isso ocorra e, nesses casos, recorreremos à fantasia. Para nós, não faz diferença se os objetos que a elaboração interna usará serão reais ou imaginários, exceto em casos em que, no investimento em objetos irreais, aconteça um represamento posterior, gerando a introversão.

Outro estado em que todos nós nos comportamos de maneira narcísica é o do adormecer, pois é preciso estar com a libido voltada para o próprio eu para poder dormir (FREUD, 1914/1996). Mesmo no caso do adormecer – que, além de não ser patológico, é uma necessidade dos seres humanos – se faz necessário o acalento de um Outro para chegarmos a este estado de relaxamento, como afirma Pereira (2021) em *A Erótica do Sono*. Ademais, também se cita a hipocondria como uma situação que faz o indivíduo resgatar sua libido e seu interesse para si, abandonando os objetos externos para se concentrar no órgão que acredita estar doente.

Tendo em vista que o aumento de tensão no aparelho psíquico seria causa de desprazer para o indivíduo, uma das motivações para que o eu ceda libido para os objetos seria o aumento dessa tensão. Freud cita nesse trecho a importância da catexia objetal: “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.” (FREUD, 1914/1996, p. 52).

A diferença entre os psicóticos e os neuróticos seria que os primeiros tirariam a libido do mundo externo – tanto de pessoas quanto de coisas –, dificultando a influência da análise nesses pacientes e sua consequente cura. Apesar do neurótico, em seu sofrimento, também retirar sua libido da realidade, Freud explica que esses pacientes manteriam na fantasia seus objetos, enquanto os psicóticos entenderiam as fantasias como sendo reais, por isso apresentariam os delírios.

Na psicose e na neurose, o narcisismo secundário que é redirecionado ao eu após ser retirado dos objetos, se origina de um narcisismo primário, que é direcionado a si próprio. Como Freud nos mostra, a organização narcísica se mantém por toda a vida, mesmo quando uma pessoa investe em objetos externos.

Inicialmente, as pulsões sexuais estão ligadas à satisfação das pulsões do eu. Por isso as crianças têm seus cuidadores como primeiros objetos amorosos e, apenas posteriormente, irão separar essas duas pulsões. Freud chamou esse tipo de amor de anaclítico (ou de ligação), mas descobriu também, a existência de uma inesperada e diferente forma de amar: a narcísica. Pessoas que amam preponderantemente desse modo não tomam seus cuidadores como objeto

amoroso, mas sim, seu próprio eu. No entanto, ressalta-se que os seres humanos não são divididos em narcísicos e anaclíticos: as duas formas de investimento libidinal seriam possíveis a todos os indivíduos, que apenas dariam preferência a uma ou a outra.

Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que cuida dele - e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal (FREUD, 1914/1996, p. 54).

Existem muitas diferenças entre as formas de amar masculina e feminina, embora não possamos generalizá-las. O tipo de amor preponderantemente objetal seria o masculino, sendo que essa supervalorização sexual provém de um narcisismo original que se transfere para o objeto sexual. Nesse tipo de amor, o sujeito fica com o eu empobrecido em relação à libido em prol do objeto sexual, sendo esse o estado de paixão, que se assemelha a uma compulsão neurótica.

Já nos sujeitos femininos, encontramos muito mais um tipo de autocontentamento, que Freud aponta como uma compensação por restrições sociais impostas às mulheres. Durante a puberdade, com o amadurecimento dos órgãos sexuais, as meninas parecem desenvolver ainda mais o narcisismo:

Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças (FREUD, 1914/1996, p. 54).

Mulheres que não conseguem amar seus maridos de forma objetal ainda poderiam sentir tal amor com o nascimento de um filho. Outra forma que Freud aponta como caminho para o desenvolvimento do narcisismo secundário feminino seria através da busca por uma condição que o sujeito outrora pertencia, pois, antes da puberdade, muitas meninas sentem-se masculinas até passarem pelas repressões sociais que são destinadas às mulheres.

A melhor forma de observar o narcisismo infantil é através do comportamento dos pais, que projetam no filho todo o narcisismo que já abandonaram, e com isso passam a acreditar que seus filhos são perfeitos, como averiguado por Freud (1914/1996). Essa projeção de perfeição leva os pais a negarem a sexualidade infantil e a deixarem que eles usufruam de coisas que já haviam abandonado por conta das normas sociais. Mas os adultos também projetarão todos os seus objetivos não conquistados na criança, seus ideais serão agora idealizados no filho. Dessa forma, o amor pelos filhos seria objetal, mas traria as marcas de um narcisismo anterior.

O narcisismo original é penoso para ser deixado de lado pela criança, de modo que ela luta para protegê-lo, mas o complexo de castração incide para iniciar a coerção da atividade

sexual. Nos meninos, a angústia em relação ao pênis e, nas meninas, a inveja do pênis. A partir disso, Freud (1914/1996) se indaga se após abandonar o narcisismo original, as pessoas transformariam toda a libido em libido objetal.

Freud começa aqui a elaborar a ideia de ideal do eu, pois segundo ele, cada um dispõe de um padrão para si próprio a que deve submeter-se. Por isso, afirma que o recalque viria do amor-próprio: “O recalque, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do ego.” (FREUD, 1914/1996, p. 57). E por conta disso, o que é facilmente elaborado por um indivíduo pode ser rejeitado ou abafado por outro, antes mesmo de advir à consciência.

Freud (1923/1996) afirma que o narcisismo secundário se daria quando o eu tenta tomar a libido dos objetos e tornar-se ele próprio o objeto amoroso:

Isto pareceria implicar uma importante amplificação da teoria do narcisismo. Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte dessa libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos. (FREUD, 1923/1996, p. 28).

Para compreendermos como o recalque ocorre de modos tão diferentes em cada sujeito, é preciso recorrer à teoria da libido. O homem que fixou um padrão elevado irá espantar qualquer ideia que não corrobore este ideal pelo qual mede seu eu real. Nesse caso, o amor dirige-se para si-próprio: “O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu ideal (*idealich*), o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor.” (FREUD, 1914/1996, p. 57).

Se, por um lado, quem não tem um padrão tão sublime consegue viabilizar que tais ideias fluam de maneira mais livre, por outro, aquele cujo ideal se apresenta desta forma sublime irá reprimir qualquer ideia que não condiz com seu ideal do eu. Nesse sentido, o ideal do eu é fundamental para explicar o recalque e tomará as atenções do amor narcísico, em lugar do amor infantil.

### 2.2.2 – Narcisismo como tentativa de elaboração da falta?

Na infância, a criança é seu próprio ideal, mas ao crescer e se deparar com as críticas e desenvolver seu próprio senso crítico, desenvolve um ideal que irá buscar seguir, pois não quer renunciar à satisfação do amor narcísico. De acordo com Freud (1914/1996), esse ideal levará à sublimação e à uma deflexão da sexualidade. A idealização é possível tanto em relação ao eu quanto em relação ao objeto, ou nas palavras do autor: “A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo.” (p. 58).

O ideal do eu demanda a sublimação, mas não consegue intensificá-la. Esse descompasso entre ideal do eu e sublimação é encontrado principalmente nos neuróticos, de forma que essa estrutura sofre com o recalque por ter um padrão elevado, mas não conseguir encontrar uma das saídas para isso – através da sublimação. Assim, a mente teria um agente crítico que serviria para observar e medir constantemente se nosso ideal do eu estaria condizente com o eu real. Freud (1914/1996) nos esclarece que esse agente crítico pode nos levar a doenças – como a paranoia, onde se acredita estar sendo vigiado o tempo todo –, mas que também existe em todos os indivíduos.

Nas neuroses de transferência, a autoestima é reduzida, pois enquanto ser amado aumenta a autoestima, amar a reduz, e assim, uma pessoa apaixonada priva-se de parte de seu narcisismo. É nesse sentido que Freud afirma que a satisfação de uma escolha narcisista consiste em ser amado: “Sob todos esses aspectos, a autoestima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor.” (FREUD, 1914/1996, p. 60).

Como caracteriza Freud, uma pessoa que não consegue amar tem sua autoestima diminuída. Nesse caso, ele exemplifica duas situações diferentes, sendo uma em que a pessoa é amada e tem seu amor correspondido, o que promove um enriquecimento do eu. Entretanto, quando esse amor não é recíproco, o eu se sente esgotado, sendo necessário retirar a libido do objeto. O retorno dessa libido para o eu é o que constitui o amor narcísico.

A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas (FREUD, 1914/1996, p. 61).

É necessário afastar-se do narcisismo primário para devolver o eu, mas sempre haverá uma tentativa de retorno a esse estado através do ideal, imposto pelo mundo externo que introjetamos. Por sua vez, as realizações desse ideal, assim como as conquistas em relação ao objeto de amor, trazem a satisfação que o eu almeja. Com base nisso, Freud (1914/1996) afirma que a autoestima provém de três fontes: a o narcisismo infantil, as realizações que o ideal do eu busca e das conquistas em relação aos objetos catexizados pela libido. A satisfação objetal é dificultada pelo ideal do eu, pois alguns objetos são considerados contrários às aspirações do eu.

Dessa forma, muitas pessoas buscam em si mesmas o alcance desse modelo para serem felizes: “Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras - isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade” (FREUD, 1914/1996, p. 62). O fluir da libido em direção ao objeto remove o recalque e reinstala a perversão: “O estar apaixonado consiste num fluir

da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões.” (FREUD, 1914/1996, p. 62). Assim, a pessoa apaixonada exalta seu objeto sexual, desde que esse objeto satisfaça os anseios infantis de amor.

Quando o ideal narcisista tem dificuldades em realizar suas aspirações, pode buscar no objeto amado essa satisfação e, dessa forma, se procurará o que outrora foi ou o que almeja ser um dia, mas que, na verdade, jamais foi ou teve. Freud (1914/1996) afirma que o neurótico é empobrecido em seu eu pelas diversas catexias objetais, assim, encontrar em outro o que é incapaz de realizar devido a esse empobrecimento, seria a cura pelo amor para ele. O neurótico tentaria, então, voltar a libido para seu próprio eu novamente, escolhendo um ideal sexual que possui as características que ele não alcançou. O paciente com essas características espera da análise o mesmo que espera de seus relacionamentos amorosos. Por isso, costumam abandonar o tratamento para continuar buscando na vida a dois sua cura. Todavia, o autor afirma: “Poderíamos ficar satisfeitos com esse resultado, se ele não trouxesse consigo todos os perigos de uma dependência mutiladora em relação àquele que o ajuda.” (p. 62).

Existem duas pulsões: a do eu e a sexual. A pulsão sexual pode encontrar satisfações indiretas devido ao recalque causado por sua inflexibilidade, mas, quando insatisfeita, gera angústia, enquanto nas pulsões de autopreservação – como sede ou fome – isso não ocorre. Destaca-se que a sexualidade é a única função do organismo humano que se refere à relação deste com outros homens. “Na verdade, a sexualidade é a única função do organismo vivo que se estende além do indivíduo e se refere à relação deste com sua espécie.” (FREUD, 1917/1996, p. 113). Apesar de garantir a continuação da espécie, na maioria das vezes, a sexualidade não apresenta muitas vantagens para o indivíduo e ainda pode colocá-lo em risco. Por conta disso, Freud considera importante separar as pulsões sexuais de outras pulsões. Ele nos mostra o quão singular é a pulsão sexual e que esta pode ter consequências psíquicas e até mesmo levar à formação de sintomas corporais.

Existem muitos estados normais em que a libido é empregada de volta ao eu, então o que caracteriza a patologia egóica seria a falta de flexibilidade dessa libido, devido a sua dificuldade de retorno para objeto. Assim, o eu retém uma certa quantidade de libido, mas o excesso libidinal parece precisar ser escoado, e, a partir disso, Freud (1917/1996) especula se não teria sido esse o motivo primeiro de seu deslocamento em direção aos objetos.

A neurose de transferência nos ajuda a compreender o desenvolvimento excessivo da libido nos seres humanos, fato que, ao mesmo tempo, que levou à uma vida mental mais rica, também leva a um conflito com as pulsões de autopreservação. Na neurose de transferência, a energia que o eu dirige aos objetos de interesse sexual é denominada como libido, enquanto a

energia de autopreservação é denominada como interesse. Para compreendermos a libido de forma completa é necessário analisar também a demência precoce, estado onde não é encontrada a libido objetal (FREUD, 1917/1996). Nesse caso, o retorno reflexivo para o eu faz com que o este se infle – como na megalomania – e o investimento no eu é correspondente ao de uma pessoa apaixonada pelo objeto.

Ressalta-se que a libido que usamos para obter satisfação objetal também pode ser empregada no eu da própria pessoa. Damos o nome de narcisismo para esse tipo de investimento libidinal, que ao contrário do que pode parecer, nos casos de algumas doenças ou após alguma frustração em relação ao objeto, não é um fato isolado, nem posterior à libido objetal. O narcisismo faz parte da vida inicial de todos os seres humanos: antes de amarmos aos outros, nós estaríamos com toda a nossa libido voltada para nós.

Na fase narcísica, a satisfação é encontrada de forma autoerótica, embora existam muitas outras situações em que o indivíduo investe sua libido no eu. O sono, em que é necessário estar totalmente concentrado em si mesmo e a dor física são exemplos de situações corriqueiras que levam ao estado egoísta da libido. Uma boa maneira de diferenciar libido e interesse é através de sua flexibilidade, pois a libido pode ser empregada tanto em objetos quanto no eu, enquanto os interesses têm um fim único e imutável (FREUD, 1917/1996). Além disso, a libido não pode transformar-se em interesse nem vice-versa.

Na clínica, Freud afirma que a inacessibilidade narcísica pode levar ao não restabelecimento do paciente:

Se analisarmos essa resistência da maneira habitual, então, mesmo depois de feito o desconto de uma atitude de desafio para com o médico e da fixação às diversas formas de ganho com a doença, a maior parte dela ainda resta, e revela-se como o mais poderoso de todos os obstáculos à cura, mais poderoso que os conhecidos obstáculos da inacessibilidade narcísica, da atitude negativa para com o médico e do apego ao ganho com a enfermidade (FREUD, 1923-25/1996, p. 30).

Além do paciente ficar inacessível ao tratamento, ele ainda pode regredir quando ouve um elogio em relação a sua melhora, o que ainda poderia levar a um abandono da análise, por não acreditar que esta seria a melhor forma de tratar sua doença, visto que é muito difícil convencer o paciente que sua resistência está ligada ao sentimento de culpa:

Ao final, percebemos que estamos tratando com o que pode ser chamado de fator ‘moral’, um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento. Devemos estar certos em encarar esta explicação desencorajadora como final. Mas, enquanto o paciente está envolvido, esse sentimento de culpa silencia; não lhe diz que ele é culpado; ele não se sente culpado, mas doente. Esse sentimento de culpa expressa-se apenas como uma resistência à cura que é extremamente difícil de superar (FREUD, 1923-25/1996, p. 30).

Dessa forma, podemos pensar o narcisismo como uma forma de lidar com a castração.

Pois, se a castração vem a partir da descoberta da diferença sexual e o posicionamento diante do polo feminino ou masculino, seria o narcisismo este posicionamento no polo feminino e a busca pelo falo no olhar do Outro. Sendo assim, o medo da menina em relação à perda do amor, que, segundo Freud, seria tão importante para ela, corresponderia a perda de identidade e a perda da fantasia de ser o falo. Apesar da satisfação no encontro com o que se fantasia ser uma miragem, o sentimento despertado é real e importante na constituição do sujeito.

## 2 O BURACO: A MULHER E A FALTA

Quando a criança se vê diante da falta no Outro, ela percebe que, se o outro é faltoso, é porque ela própria não é o objeto que completa a mãe. Então, pergunta-se: quem sou? É a partir disso que se dá a separação da criança com a mãe e a interrupção da demanda de amor por parte da criança. Para a menina, é mais difícil aceitar essa falta no Outro, pois se este não tem um objeto que tampona sua falta, onde se encontraria ela então?

### 3.1 A culpa e o abandono de si

#### 3.1.1 A Estrutura mental

Em *O Ego e o Id* (FREUD, 1923-25/1996), relata-se o início da construção do sujeito, quando se inicia o processo de alienação/separação da mãe e até as divisões mentais acarretadas com essa separação. Ademais, aborda-se o início do sentimento de culpa, a constituição do supereu, e as consequências psíquicas da castração para as mulheres. Freud mostra também a grande influência que os pais e a sociedade exercem na constituição do sujeito. Abaixo, ilustramos como Freud formulou a estrutura mental na primeira e segunda tópica:

<b>1° Tópica</b>		<b>2° Tópica</b>
inconsciente		isso
pré-consciente	→	eu
consciente		supereu

Fonte: A autora, 2022.

Na primeira tópica, Freud descreve a existência da consciência, do pré-consciente e do inconsciente. E na segunda, o autor usa os termos por isso, eu e supereu. Inicialmente, falava em consciente e inconsciente, tomando o segundo como o recalcado, ou seja, o que não é acessível ao eu. Porém, com o avançar de sua obra, fica evidente que inconsciente e recalcado não podem ser sinônimos, pois apesar de todo recalcado ser inconsciente, o eu e o supereu são partes mentais ao mesmo tempo conscientes e inconscientes e que não sofrem ação do

recalque. Dessa forma, a estrutura mental deixa de ser tão rígida, passando-se assim a considerar a influência que elas tinham umas sobre as outras.

O eu é a parte do isso que foi modificada pelo mundo externo ou, em outras palavras, “o ego (sic.) procura aplicar a influência do mundo externo ao isso e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id (sic.), pelo princípio de realidade” (FREUD, 1923-25/1996, p. 15). No entanto, muitas vezes o eu precisa curvar-se às vontades do isso para não perder o controle sobre esse, pois “Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o eu tem o hábito de transformar em ação a vontade do isso, como se fosse sua própria” (ibid., p. 15). A pulsão desempenha no isso a mesma função que a percepção desempenha no eu: “O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o isso, que contém as paixões” (FREUD, 1923-25/1996, p. 15). Enquanto o eu é guiado por suas percepções, o isso é guiado pela pulsão, tem sua própria realidade psíquica e não apresenta o vínculo com o sentido que buscamos muitas vezes relacionar para uma completude mental que representaria o sujeito.

O supereu vem para recalcar o complexo de Édipo, pois ele não apenas leva a uma identificação, mas também a proibições, já que alguns aspectos desse pai com quem a criança se identificou são interditados para ela. Os obstáculos inicialmente eram externos – oriundos da proibição paterna – porém, a interdição é introjetada após o fim do complexo de Édipo, tornando a proibição interna: “Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o eu infantil se fortificou para a execução do recalque erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio” (Ibid., p. 20).

Na teorização de Freud, o supereu constitui o fator mais importante para a espécie e para o indivíduo e por isso ele se diferencia do eu, sendo aquele que expressaria a influência dos pais da sociedade:

[...] a diferenciação do supereu a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem (FREUD, 1923/1996, p. 21).

A identificação com o objeto é uma forma do eu tentar controlar o isso, mostrando a este que também seria digno de seu amor. “Quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: ‘Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto’” (ibid., p. 17). Para que a libido objetal possa se transformar em narcísica, é necessário que esse objeto

seja, de certa forma, sublimado, isto é, dessexualizado. Freud relata que os primeiros objetos introjetados são o pai e a mãe, enfatizando a importância da identificação paterna.

Ao abandonar um objeto, a pessoa o introjeta em seu eu, sendo modificada por ele. “De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases primitivas de desenvolvimento, é muito frequente, e torna possível supor que o caráter do eu é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”. Em determinadas mulheres, é fácil encontrar vestígios em seu eu dos objetos abandonados por elas: “Em mulheres que tiveram muitas experiências amorosas, não parece haver dificuldade em encontrar vestígios de suas catexias do objeto nos traços de seu caráter.” (FREUD, 1923/1996, p. 17).

As identificações são muito importantes na estruturação feminina, uma vez que, meninas se veem diante da falta de um significante paterno que a defina por completo, uma vez que são diferente dos meninos, que possuem uma identificação fálica que os garante, ao final da castração, uma desestruturação menor em sua identidade. A menina, por sua vez, necessita do amor do Outro por estar mais exposta à angústia vinculada à perda do amor, que para ela pode corresponder a perda de sua própria identidade e de seu amor-próprio.

O supereu é a parte do eu que está menos ligada à consciência. Para explicá-lo, Freud afirma que é necessário recorrer à melancolia, pois nesse quadro clínico, o objeto perdido é substituído pela identificação. Na fase oral, as catexias objetais e a identificação não podem ser diferenciadas: “A princípio, na fase oral primitiva do indivíduo, a catexia do objeto e a identificação são, sem dúvida, indistinguíveis uma da outra.” (FREUD, 1923/1996, p. 17).

Enquanto o complexo de Édipo e o ódio em relação ao rival levam à identificação com este e à construção do supereu – importante fator constitucional do sujeito – além da transformação do ódio em amor sublimado, o contrário também pode acontecer. Nesse caso, se o eu se identificar com esse objeto amado que agora odeia, o supereu pode voltar-se contra o próprio sujeito, o que pode suscitar na melancolia, onde o eu é castigado como se fosse o objeto. Mas por que o eu é tão castigado e se sente tão culpado?

Muitas vezes, até mesmo os crimes são cometidos por um sentimento de culpa pré-existente ligado ao supereu e, dessa forma, não é o crime que leva ao sentimento de culpa, mas o sentimento de culpa já existente que levaria ao cometimento do crime na tentativa de encontrar um castigo. Por isso, Freud afirma que é um alívio para o criminoso conectar seu desejo de castigo ao crime: “É como se fosse um alívio poder ligar esse sentimento inconsciente de culpa a algo real e imediato” (FREUD, 1923-25/1996, p. 31). O sentimento de culpa pertenceria ao eu e o supereu seria a instância crítica que se voltaria contra o eu de

maneira rígida e severa. Em relação à melancolia, esse fenômeno ocorre de maneira impiedosa e, sob a influência da pulsão de morte e do sadismo, o eu do sujeito pode ser impulsionado à morte caso não mude a tempo da melancolia para a mania.

A identificação com o pai leva à dessexualização ou à sublimação e daí surge o supereu, mas, para que aconteça a transformação de um sentimento erótico em um mais sublime, é necessário que o componente erótico seja separado do sentimento de agressividade. Conseqüentemente, essa desfusão torna o ideal do eu severo e cruel, e assim, mesmo com o supereu representando os sentimentos mais elevados, ele se coloca em oposição ao eu. Enquanto o eu é o representante do mundo externo e da realidade, o supereu é representante do mundo interno (psíquico).

Enquanto que (sic.) o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno (FREUD, 1923-25/1996, p. 21).

Como afirma Freud, o eu não estaria pronto para aceitar a castração, e o medo da morte seria o desdobramento disso. Sendo assim, poderíamos afirmar que o medo de perder o amor do supereu, como acontece na melancolia, seria também o medo da castração e da morte, já que “para o ego (sic.), viver significa o mesmo que ser amado - ser amado pelo supereu, que aparece como representante do id (sic.)” (FREUD, 1923-25/1996).

### 3.1.2 – O amor e a pulsão de morte

Ao longo de nossa pesquisa, mostramos muitos casos em que falamos de homem ou mulher, não de feminino ou masculino. Porém, no fim de sua obra, Freud já fala em falo e não pênis, e Lacan, ao revisar a obra do mestre vienense, abandonará a conceituação de falo como órgão anatômico, tomando-o como sinônimo de poder, de forma que esse poderá ser encontrado tanto em mulheres quanto em homens. Nos próximos tópicos usaremos os termos falo, Outro e real, que passaram a fazer parte da psicanálise a partir da releitura lacaniana de Freud e que serão muito importantes para compreendermos a teoria psicanalítica dentro do recorte de nossa pesquisa.

Como afirmado por Roudinesco e Plon (1998), Lacan fez do falo o objeto principal da economia libidinal, então, este não mais equivaleria apenas ao órgão masculino. Assim, o falo passa a ser simbólico, dividindo da mesma forma os dois sexos, e assim, não pertencendo de forma exclusiva a nenhum dos dois, de forma que é desvinculado da anatomia e passa a ser articulado ao desejo.

Em *Além do Princípio de Prazer* (1920), Freud afirma que o abandono dos desejos infantis em relação aos objetos de amor causa uma cicatriz narcísica no eu, acarretando o sentimento de inferioridade, tão comumente encontrado nos neuróticos. Desta forma, os sujeitos buscam, através da sexualidade, encontrar uma satisfação inicial que foi perdida a partir separação com o Outro e, posteriormente, via castração. Assim, a busca por uma complementaridade continuará se repetindo por toda a vida e recorreremos às fantasias para tamponar a falta e delimitar o gozo. Ainda nesse texto, o autor vai mostrar como a criança precisa da brincadeira para lidar com a separação materna, mesmo que essa ocorra apenas por algumas horas. Ele então relata sobre uma criança que viveu em sua casa e lhe deu a oportunidade de observar de perto seu comportamento infantil. Segundo o autor, o menininho de um ano e meio falava pouco e não tinha nada de prematuro no desenvolvimento de sua intelectualidade, porém, era admirado por seu bom comportamento, principalmente no que se referia à ausência de sua mãe. O infante, porém, tinha o hábito de atirar para longe do berço todos os objetos ao seu alcance – costume esse que intrigou o analista. “Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado *o-o-o-ó*, acompanhado por expressão de interesse e satisfação.” (FREUD, 1920/1996 p.9). O balbucio é interpretado pelo autor como uma tentativa de falar *fort* (em alemão, ir embora), e assim, podemos dizer que, na verdade, o menino estava expulsando o objeto. O item jogado, porém, tinha uma característica especial: a possibilidade de puxá-lo de volta, já que se tratava de um carrinho de brinquedo amarrado em um carretel que o menino nunca havia usado para puxar.

Neste caso, Freud reparou em sua especial satisfação quando puxava o objeto novamente emitia um som: “Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre *da* (ali).” (ibid. p.9). Assim, o menino estava, através da brincadeira, controlando o ir e voltar dos objetos de maneira ativa, ajudando-o a lidar com o desaparecimento e reaparecimento de sua mãe. O autor ainda afirma existir um impulso nas crianças de querer ouvir repetidamente as mesmas histórias e pedirem para que elas sejam contadas sempre da mesma maneira.

Com a guerra, o primeiro analista conseguiu acompanhar muitos casos de neurose traumática em sua clínica, o que ajudou a desmistificar o trauma como uma enfermidade ligada a algum tipo de lesão orgânica do sistema nervoso. Freud explica que esse tipo de neurose também pode ocorrer em períodos de paz, assemelhando-se, em alguns aspectos, aos sintomas histéricos. O autor ainda afirma que, nos sonhos dos neuróticos de guerra, os pacientes sempre retornam ao ocorrido, o que caracterizaria a fixação ao trauma, já bem conhecida na clínica durante o tratamento dos traumas histéricos, que sofreriam de

reminiscências por estarem presos às suas lembranças, de forma que repetem na vida noturna um acontecimento que causou uma impressão tão forte. No tratamento analítico, ao recordar, o paciente não está apenas lembrando, mas revivendo o ocorrido. Desta forma, a interpretação, que era usada na análise ao tentar trazer à consciência suas lembranças, já não é mais o principal enfoque da psicanálise. O autor explica que a revivência geralmente é em relação a algo da vida sexual infantil e que aparece na transferência do paciente em relação ao analista, repetindo as mesmas sensações esquecidas da infância durante a neurose de transferência.

Como já mencionamos, Freud explica que a perda do amor é uma grande ferida narcísica que faz com que a criança se sinta rejeitada, ignorada e fracassada. Sua ânsia por satisfação nunca é atendida e seu desejo de ter um filho com o genitor não pode ser levado adiante. Frustrada e desdenhada, a criança aumenta ainda mais a frustração ao tentar chamar atenção dos pais, já que eles não podem saciar a ânsia de atenção que é demandada na infância, chegando assim, ao fim da paixão infantil. Mesmo diante de toda a dor vivida nesse período, durante a análise, os neuróticos revivem esses sentimentos e tentam reproduzir com o analista fatos anteriormente ocorridos. Ao tentarem deixar a análise prematuramente, objetiva-se engendrar novamente uma impressão de desdém, forçando o analista, muitas vezes, a tratá-los de forma austera.

Freud ainda fala sobre as repetições que acontecem na vida de pessoas normais, sendo algumas mais fáceis de explicar, enquanto outras, por não estarem relacionadas ao desejo e controle da pessoa que as vive, parecem inexplicáveis. Nesses indivíduos, parece existir um padrão no desfecho de seus relacionamentos, dos quais o autor dá os seguintes exemplos: cidadãos que sempre ajudam seus amigos e acabam sendo traídos e pessoas benfeitoras que são abandonadas por aqueles que protegiam. Porém, o que constitui o maior mistério, seriam mulheres que casam-se repetidas vezes e ficam viúvas após o adoecimento e falecimento do cônjuge, mesmo que antes do casamento a doença fosse desconhecida. Após citar esses padrões repetitivos que parecem existir na vida psíquica, percebe-se a existência de um empuxo à repetição que não teria a finalidade de causar prazer.

Freud explica que, nos sonhos em que o indivíduo revive sempre o momento traumático, ele está tentando criar, através da angústia, uma defesa, já que foi por conta da ausência da angústia que o susto ocorreu. Para que o trauma exista, é necessário o susto, que ocorre quando o sujeito não está esperando pelo acontecimento causador do trauma. Desta forma, através da revivência do momento traumático, o sujeito busca controlar o sistema prazer-desprazer em seu psiquismo. Os sonhos de castigo também não parecem estar ligados

ao prazer, mas ocorreriam para satisfazer a instância mental que busca castigar o sujeito por seus desejos. Neste sentido, é possível afirmar que existiria uma pulsão que busca uma satisfação que não está necessariamente ligada ao prazer, mas à repetição e à compulsão.

Segundo Freud, a pulsão de morte seria uma pulsão com tendência a restaurar o estado existente anteriormente e de controlar as impressões sentidas. O autor ainda afirma que, diferentemente do analisando na transferência, onde as repetições não parecem trazer nenhum prazer, na criança, a repetição não exclui a satisfação. Assim, toda pulsão conduz a um estado anterior, cujo finalidade última de todo organismo seria o retorno ao inorgânico, um estado de prazer absoluto que Lacan chama de gozo. Podemos dizer que a alienação à mãe seria o estado de prazer absoluto que buscamos retornar ao longo da vida?

Para representar essa busca pelo complemento no Outro através do amor, Freud (1920) utilizará o mito da alma gêmea de Platão, no livro *O Banquete*, que além de falar sobre a origem sexual, também relata sobre como, nesse processo, a sexualidade teria uma natureza diferente da que apresenta posteriormente. Nesse mito, os sexos seriam divididos em três – existindo o homem, a mulher e a união dos dois – e todos eles teriam os membros duplicados, de modo que seriam seres completos, o que faria com que se sentissem poderosos por não precisarem do outro. Zeus, incomodado pelo sentimento de completude e poder desses seres, cortou-os ao meio, separando-os em duas metades. Ao desejarem fundir-se novamente às suas metades, eles abraçaram-se a elas. Esse mito nos ajuda a compreender a sexualidade humana – tanto em sua busca pela complementaridade quanto em sua impossibilidade de ser novamente como era – além de nos ajudar a compreender que nem toda busca por essa complementaridade será através da busca do sexo oposto, visto que todas as combinações podem ser possíveis na sexualidade humana.

Desse desconhecimento em relação ao gozo feminino, Lacan fala que a mulher e a relação sexual não existem, pois o complemento que nós imaginamos existir em uma relação sexual é impossível de ser alcançado, já que homens e mulheres são seres que não têm gozos complementares, mas diferentes. No feminino, o gozo é um contingente desconhecido até para quem o experimenta, impossível de ser simbolizado, tal qual a impossibilidade de simbolizar o que é o feminino. No homem, ele goza com uma parte da mulher, sendo esse tipo de gozo o chamado gozo fálico, também acessível às mulheres. Em *As Formações do Inconsciente* (1957-58/1999, p. 363), o analista relata que a mulher deseja fazer-se falo, já que o falo é o que é desejado. Assim, a mulher se exhibe e se coloca como o próprio objeto de desejo, de forma a ir muito além da mascarada, sendo essa uma identificação profunda com o significante fálico, significante do desejo do Outro.

Segundo Zalcberg (2003), inicialmente a criança precisa identificar-se com o objeto de desejo da mãe, o falo. “Para a criança, constituindo-se na dependência do amor e da submissão à mãe, identificar-se com o objeto imaginário do desejo materno torna-se condição universal de existência.” (p.95). Só se torna possível sair da ilusão de ser o falo da mãe a partir da castração, momento em que os dois corpos deixam de ser um só. Se considerarmos que inicialmente a criança fez-se a partir do desejo do Outro, a castração vai acarretar uma dúvida quanto ao lugar de onde se deseja por toda sua vida, “o desejo é meu ou é do Outro?” (p.95)

A mulher percebe que não tem o objeto de desejo do Outro, ou seja, não possui o falo que tinha a ilusão de possuir, mas a partir da fase edípica, essa falta a ter se torna *falta-a-ser*, de forma que ela passará a viver em busca dessa significante identificatório para seu ser, e tentará, através do lugar de desejo do Outro (na fantasia do homem), encontrar o que ela é. Zalcberg (2003) afirma que se a mãe não aceitar a castração (sua falta), manterá sua filha no lugar de objeto maravilhoso que a satisfaz, levando a menina a continuar atrelada ao desejo do Outro, tendo seu próprio desejo suprimido. Deixar de ser esse sublime objeto para o olhar do Outro é algo penoso para a menina, pois uma vez que não encontra uma ancoragem fálica através da via paterna, vai tentar manter-se na ilusão quanto à possibilidade de ser o objeto que reluz no olhar do Outro. Mas, apesar do possível aprisionamento no desejo do Outro, o olhar materno é essencial na constituição da imagem da menina:

Esse processo pelo qual o olhar da mãe funciona em nível de objeto que leve à construção de uma imagem é particularmente importante para a menina; ela, mais que um menino, depende de uma cobertura imaginária para um corpo para o qual falta um significante feminino. (ZALCBERG, 2003, p 164)

É necessário que a mãe imagine a criança para que esta se identifique com esse ideal materno e possa amparar-se no amor, havendo assim, uma conciliação entre o bebê fantasiado e o da realidade. Os pais farão com que os filhos percorram sua história subjetiva, como explica Zalcberg (2003), de forma a querer que a prole realize aquilo idealizado por eles. Por sua vez, os filhos também anseiam satisfazer os desejos inacabados de seus pais para obterem aprovação e amor.

Existem duas classes de pulsões: de vida e de morte. Essas duas podem ser dirigidas para a mesma pessoa, como no caso do ódio e do amor, onde o primeiro faz parte do processo de separação e é essencial para que não continuemos completamente alienados ao Outro, enquanto o amor é necessário para nos ligarmos ao Outro. As pulsões causam tensão o tempo todo no organismo e a todo momento estamos buscando formas de equilibrar a demanda pulsional. Jorge, em *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan A Clínica da Fantasia*

(2010), nos mostra a comparação feita por Freud entre a fantasia neurótica e as brincadeiras infantis. Seria a fantasia tão importante para lidar com a pulsão e a falta do objeto de desejo na realidade durante a vida adulta, quanto foi a brincadeira para lidar com a ausência materna na infância? Um exemplo da dependência da criança em relação à mãe é como ela tenta, através das brincadeiras, vivenciar de forma ativa o que sente de forma passiva em relação aos cuidadores.

Jorge (2010) afirma que a imaginação nos neuróticos poderia ser comparada à brincadeira infantil, que também dispense uma grande quota de libido através da fantasia. Antes da puberdade, a fantasia seria administrada principalmente em função das relações familiares, de forma que é muito comum os filhos imaginarem ter pais ricos e muito mais próximos de uma figura de pais ideais do que realmente são. Desta forma, a partir do brincar, a criança se afastaria dos pais da realidade para reencontrar-se com aqueles do início de sua infância. O autor ainda afirma que a fantasia iniciada nas brincadeiras infantis continua pela vida adulta através dos devaneios, passando assim, a não depender mais dos objetos reais.

Ainda seguindo a linha de Jorge (2010), podemos afirmar que o período de latência faz com que nos conectemos intimamente com a fantasia, isolando a consciência das pulsões sexuais. O autor explica que as fantasias funcionam como o inconsciente, que desconsidera o teste de realidade, igualando os desejos com a concretização destes, assim como os pensamentos à realidade externa. Então, podemos pensar que a fantasia serve para unir a busca pela satisfação da pulsão com as exigências da realidade e para que a pressão exercida pela pulsão, apesar dos impedimentos da realidade, não transborde. Sendo assim, a fantasia funcionaria como válvula de escape para a sexualidade que não para de pressionar os indivíduos em busca de uma satisfação.

A fantasia de completude que a criança busca inicialmente na mãe e se estende ao amor – com a ilusão de que uma complementariedade de seu ser pode ser alcançada através do Outro – faz parte dos seres masculinos e femininos, já que a falta é inerente aos dois sexos, que apesar de lidarem de formas diferente com a castração, estão marcados por ela, existindo assim, uma eterna busca pela explicação do que é necessário para encontrar esse objeto que nos deixaria completo. Então, quando o feminino se mostra não ser totalmente recoberto pela palavra, sendo considerado um mistério por sua proximidade com o real, instala-se um buraco no saber, de forma que nada dito possa abarcar as dimensões ligadas ao real.

### 3.2 O eu ou o Outro?

### 3.2.1 A menina e o amor

Uma forma de observar a pulsão de morte seria através do sadismo e do masoquismo. Nesses casos, apesar de existir uma pulsão agressiva, ela está intimamente atrelada à pulsão sexual. Freud observou que existem homens que gozam de maneira feminina ao estudar sobre masoquismo em homens que tinham prazer por estarem em uma posição de submissão. Ele chamou esse tipo de “masoquismo feminino”. *O problema econômico do masoquismo* (1924) é um importante texto para compreendermos que quando Freud se refere à feminino não está se referindo especificamente à mulher. Nele, o autor afirma que existem três tipos de masoquismo: o erógeno, o feminino e o moral. Desses, o primeiro a surgir é o erógeno, depois o feminino, que leva à culpa e à vergonha e, a partir disso, dá origem ao masoquismo moral. As primeiras experiências ligadas ao aumento de tensão e a excitação sexual forneceriam “[...] a fundação psicológica sobre a qual a estrutura psíquica do masoquismo erógeno seria posteriormente erigida.” (FREUD, 1924/1996, p. 95). Ou seja, o primeiro masoquismo – o erógeno – é criado através das primeiras experiências infantis que unem prazer e desprazer.

Freud afirma ainda que o masoquismo feminino é geralmente observado em homens impotentes, que buscam na masturbação sua satisfação, ou se satisfazem apenas com o ato fantasiado. Nesses casos, os masoquistas desejam principalmente serem tratados como uma criança pequena e desamparada, que está sendo punida por suas travessuras. Desejam estar em uma posição feminina, de ter um bebê, serem copulados ou castrados.

No caso do masoquismo moral, o que importa é o sofrimento, de forma que, toda oportunidade que esse masoquista tiver de ser lesado, será aproveitada. Nesse fenômeno, a libido é deixada de lado e a pulsão destrutiva parece ter se voltado para o eu. Por fim, ainda é importante ressaltar a existência de uma culpa inconsciente, que leva à necessidade de punição.

Freud fala que tanto no masoquismo feminino quanto no erógeno, os componentes da sexualidade estão diretamente ligados a estes atos, eles desejam ser espancados e humilhados pela pessoa amada, de forma a terem seu valor diminuído. Dessa forma podemos perceber a existência de uma tentativa de um encontro com uma satisfação ainda que pela via do sofrimento.

A falta da inscrição da diferença sexual no inconsciente por conta da falta de um instinto nos humanos nos faz ir em busca de um prazer sexual que nos complete, ainda que das mais variadas formas? Um dos conceitos mais importantes de Lacan foi em relação ao

inconsciente como um saber que viria em suplência à falta do saber instintual. Precisamos, então, do amor para encontrar um caminho para essa pulsão que precisa da fantasia para delimitá-la?

Jorge (2010) explica que o dualismo pulsional descrito por Freud em 1908 nos ajuda na compreensão da fantasia, pois ali já seria possível observar que é através da fantasia que podemos sexualizar a pulsão de morte. No feminino, o gozo sem limites poderia se tornar devastador? Como explica Jorge (2010), a maioria de nós não vive sob a condução dessa pulsão mortífera, e para lidarmos com ela, usamos a fantasia, que nos ajuda a sexualizar a pulsão de morte. A fantasia funcionaria para refrear o empuxo à compulsão e à repetição no adulto, ao ligar as pulsões de morte ao princípio de prazer. A falta produz o desejo, mas como afirma Jorge (2010), o desejo não tem um objeto e, por isso, nossa busca por um objeto que nos satisfaça será constante e impossível de alcançar. Assim, a cada aproximação do objeto desejado, precisaremos de um novo objeto a desejar que não nos seja ainda apreensível. É através da fantasia fundamental, que instaura uma forma repetitiva e fixa de relacionamento do sujeito com a causa de seu desejo, que ele pode criar um amparo para si por meio de uma relação constante com o desejo.

As fantasias bissexuais da histérica podem nos ajudar na compreensão da não inscrição da diferença na mente humana. A questão da histeria se baliza principalmente em relação à indagação do desejo da histérica, que é: sou homem ou mulher? Através da bissexualidade humana que, para Freud, ampliaria a nossa forma de desejar, podemos pensar que a diferença sexual seria uma interrogação que faz parte do psiquismo e não pode ter respostas definitivas e fechadas. Como a histérica goza nos dois polos, seria por isso que precisa tanto do narcisismo/do espelho? A bissexualidade da histérica seria a mulher se fazendo desejável por ela mesma através do narcisismo?

Podemos nos indagar se a bissexualidade pode funcionar para aumentar o narcisismo feminino? Já que a mulher é capaz de desejar a si mesma, ou seja um corpo feminino. Enquanto o contrário também poderia ocorrer, quando o narcisismo potencializa a bissexualidade, já que a mulher sabe o que é desejar um corpo feminino e pode procurar outros corpos como o seu, que serviriam como identificação e ao mesmo tempo objeto de desejo

Se o sujeito não conseguir sublimar essas fantasias ou obter alguma outra satisfação sexual que as substitua, sua fantasia inconsciente pode reviver e se desenvolver, fazendo com que o paciente tenha uma necessidade intensa de amor, capaz de criar sintomas patológicos. Durante o tratamento analítico, é essencial estar atento aos sintomas bissexuais para não nos

determos em apenas um significado do sintoma, pois esses podem ter um significado oposto, pertencente ao outro sexo.

Em *Dostoievski e o parricídio* (1927-28/1996), Freud afirma que o homem pode ter um desejo passivo em relação ao pai. Frente a isso, fica a seguinte questão: seria possível a menina também ter uma fantasia ativa em relação à mãe, desejando tomar o lugar do pai na relação sexual? Uma fantasia comumente relatada em orgasmos femininos é a de estar em posição ativa, e seus parceiros, em uma posição passiva. Desta forma, a mulher teria um pênis e gozaria como um homem.

Segundo Freud, a mãe espera que seu filho conquiste tudo que ela não conseguiu alcançar justamente por ele ter o significante fálico que lhe falta. Zalcborg (2003), porém, afirma que, na verdade, é através da menina que a mãe busca a redenção de seu narcisismo, sendo o narcisismo materno alienante para a criança – principalmente a do sexo feminino. O olhar narcísico da mãe é essencial para a constituição da criança, sendo graças a esse narcisismo que o bebê se constitui, porém, principalmente para a menina, pode ser difícil separar o próprio eu do de sua mãe, processo que pode ser ainda mais dificultado quando a genitora vê a filha como uma extensão dela própria.

O desejo tão pulsante da menina de ser amada, muitas vezes pode não ser pelo que ela é, mas em uma manifestação de colocar-se como objeto de satisfação do ideal materno. Para uma mulher que tenha vivido para satisfazer as vontades de sua matriarca, sua chance de ter os próprios desejos satisfeitos poderia vir com a chegada de uma filha, de forma que, para ela, as vontades da criança seriam suas, o que viria até mesmo como uma forma de compensação por sua passividade diante do desejo de sua mãe. O medo de perder o amor materno pode fazer com que a menina continue sem conseguir diferenciar seu desejo de sua mãe, e como afirma Zalcborg (2003), ainda que a filha consiga satisfazer às aspirações maternas restará a necessidade de ser reconhecida por si mesma.

Freud afirma que a mulher não temeria a castração por já encontrar-se castrada. Mas ela, mais do que o menino, não compreenderia o que é a castração por ter deixado seu primeiro objeto de amor – a mãe –, separando-se dela para ir em direção ao amor do pai? Como Freud explicou, a ansiedade começa com o medo, ou seja, diante de um perigo, podendo esse ser tanto externo como interno.

Tanto nos seres femininos como masculinos, o medo em relação à posição feminina – ou seja, da castração – parece ser o cerne das doenças psíquicas, como afirma Freud (1940/1996) em *A cabeça de Medusa*. Antes de explicar sobre a importância desse texto na obra de Freud, vamos fazer uma breve exposição do mito. Medusa era uma górgona que tinha

duas irmãs. As górgonas eram monstros ferozes que transformavam em pedra todos que as olhavam fixamente. Essas criaturas também eram conhecidas por serem muito feias, com corpo e cabelos de serpente, garras e dentes afiados, além de um rosto horrendo. Algumas versões mitológicas contam que o rosto de Medusa era lindo, mas que, por sentir-se mais bonita que Atena, acabou sendo punida. Quem decapitou Medusa foi Perseu que, apesar das dificuldades, teve a ajuda dos deuses e entregou a cabeça da górgona para Atena, que passou a usá-la como proteção e a colocou em sobre sua vulva, já que Atena é conhecida por ser uma Deusa virgem.

Nesse texto, Freud vai trazer a figura mitológica de Medusa, que é frequentemente retratada como se seus cabelos fossem inúmeros pênis pelo fato serpentes e cobras serem frequentemente associadas ao órgão genital masculino. Assim, a decapitação de Medusa seria uma referência à castração tal qual a vagina é o símbolo da castração para a criança que a vê. O horror em relação à cabeça de Medusa era tanto que Atena, a deusa virgem, a usava sobre sua vulva para repelir qualquer um que a abordasse. Levando em consideração a história de Medusa, podemos refletir sobre a ideia do falo que, apesar de aparecer como símbolo fálico, também é o símbolo da falta.

A identificação masculina seria mais fácil de ser encontrada através do pai, enquanto a feminina é inexistente. Como a mãe não tem a resposta para o que é o feminino, poderíamos então dizer que o feminino é a identificação com a falta? Na verdade, não temos inscrito no inconsciente a diferença sexual por não haver a inscrição do Outro sexo, que seria o sexo feminino, e assim, todos teríamos a possibilidade de fazer uma escolha heterossexual ou homossexual, o que é explicado pela ideia freudiana de bissexualidade. Jorge (2010) compara a bissexualidade freudiana ao conceito de objeto *a* descrito por Lacan, o que ajuda na compreensão da relação entre fantasia e pulsão, sendo o objeto *a* o representante da falta. Desta forma, podemos compreender que o objeto de desejo dos seres humanos não é definido pelo instinto, existindo uma pulsão que nos move, mas para onde? O que é capaz de nos dar uma ancoramento a esta pergunta é apenas a fantasia, ao ligar-se à pulsão.

Quando a mãe não deixa espaço para a demanda, Zalcberg (2003) afirma que a menina terá dificuldade em acessar o desejo, já que este necessita da insatisfação de uma demanda. O desejo é causado pela insatisfação que acompanhará o ser humano por toda a vida, não havendo objeto capaz de tamponá-lo absolutamente. Mas a mulher necessita saber dessa falta no Outro, pois se o Outro é completo para que ela serviria? Zalcberg (2003) afirma que o parceiro da mulher deve estar em falta de, para que assim deseje a mulher, e a mulher será causa do desejo desse homem em falta.

### 3.2.2 Sobre a análise e a angústia

Em *Inibições, sintomas e angústia* (FREUD, 1926-25/1996), percebemos como a busca incessante pela complementaridade e o medo da separação se coadunam ao medo da castração, e que a evitação dessas circunstâncias podem ser explicadas pelo medo do sentimento de desamparo causado pela angústia. Quando a introversão para a fantasia falha nas neuroses de transferência, então ocorre a angústia, que pode ser transformada em elaboração psíquica e ter os seguintes destinos: “Sabemos que essa angústia pode ser transformada por uma elaboração psíquica ulterior, isto é, por conversão, formação de reação ou construção de proteções (fobias)” (p. 53).

De acordo com Freud, a angústia começa com o medo, ou seja, diante de um perigo. Esse perigo pode ser tanto externo como interno, como por exemplo, a perda do objeto de amor e a separação deste. Diante do perigo, a angústia dependeria da prévia experiência do sujeito. A angústia é anterior ao recalque, sendo inclusive, causadora deste, pois nos lembraria que houve ali a castração. Guiados por esse exemplo, poderíamos pensar, que a mulher, por compreender o que é ser castrada, se angustiaria mais do que o homem quando percebe sinais da reedição de seu trauma? E, então, buscaria através do narcisismo um ancoramento em sua imagem para diminuir seu medo de ter reeditado o trauma da castração a cada relação amorosa? Como Freud afirma, a mulher parece reeditar sua relação com a mãe com os homens com quem se relaciona.

Para compreendermos o porquê de o eu precisar defender-se contra todas essas ameaças internas e externas, e por qual razão ele precisa se defender de toda desvalorização, ainda que imaginária, precisamos entender que, no início, o eu e o objeto eram apenas um. Mesmo que o sujeito na vida adulta não seja tão dependente de cuidado e amor quanto foi quando era apenas um bebê, ainda assim ele carrega todo o medo de uma separação do objeto amado, ou do objeto que ele acredita amá-lo e cuidar dele.

Todo esse medo, da perda de amor à punição pelo supereu, na verdade é o temor da castração, que, em última análise, seria o temor do eu abandonar grande parte de seu investimento libidinal narcísico da mesma forma que abandona os objetos externos, nos casos em que sente os objetos mais como valiosos. Esse desinvestimento libidinal no próprio eu seria correspondente à morte. Freud acredita que o medo da morte seria algo que ocorre entre o eu e o supereu.

Pareceria que o mecanismo do medo da morte só pode ser o fato de o ego abandonar em grande parte sua catexia libidinal narcísica – isto é, de ele se abandonar, tal como abandona algum objeto *externo* nos outros casos em que sente ansiedade. Creio que

o medo da morte é algo que ocorre entre o ego e o superego (FREUD, 1923/1996, p. 35).

Assim, o eu sente-se vivo através do amor, sendo a perda de amor corresponde à morte. Por isso existe o medo da morte na melancolia, já que o próprio eu se abandonou após sentir-se odiado e perseguido pelo superego. Quando o eu não consegue superar suas próprias forças e se vê sem nenhuma proteção, então ele se deixaria morrer. O que nos leva a refletir sobre a importância do amor na vida psíquica e, retomando nosso percurso neste trabalho, nos indagamos sobre os anseios femininos em relação ao amor e o significado da perda amorosa para o feminino que pode aproximar-se à perda de si mesmo. Na angústia, ainda existe o medo de perder, pois, apesar da separação e do desamparo, o objeto ainda se faz presente, nem que seja pela falta. Já na melancolia, por exemplo, parece que o objeto continua existindo, já que foi introjetado ao eu. Ou seja, o fantasma do objeto possuiu o eu do sujeito, que, na tentativa de exorcizá-lo, se autoflagela.

A angústia seria um modo sintomático de lidar com a falta, assim, a separação pode causar sua desintegração por conta de sua falta de identidade, no caso da mulher. Porém, a falta da falta – quando o Outro tenta satisfazê-la a nível de sua demanda – a leva à angústia, ideia que Zalcberg (2003) mostra em relação a menina com sua mãe, mas que podemos estender para os outros relacionamentos na vida de uma mulher, como por exemplo, no relato de Freud sobre a bela açougueira, a mulher precisa manter a falta para que seu desejo possa surgir.

Quando a mãe não deixa espaço para a demanda, Zalcberg (2003) afirma, que a menina terá dificuldade em ter acesso ao desejo, já que este necessita da insatisfação de uma demanda. E quando não há espaço para a falta, surge a angústia, já que o desejo é causado pela insatisfação que acompanhará o ser humano por toda a vida, não existindo nenhum objeto capaz de tamponá-la absolutamente. Apesar de inicialmente a mulher ter dificuldade de se relacionar com a falta no Outro, ela necessita saber desta, pois, se o Outro é completo, onde ela se encaixará seu desejo? A autora afirma que o parceiro da mulher deve estar em falta para que esta possa desejar, mesmo que seja via fantasia.

Algumas mulheres passam a vida tentando tornar-se o que o Outro supostamente deseja. Como acontece com a criança antes da entrada simbólica do pai, em que ela tenta tornar-se o objeto de satisfação da mãe para obter desta o seu amor. Neste momento o pai deve entrar nessa relação da criança com a mãe, dando nome ao desejo da mãe, apontando que o que a mãe deseja é o falo.

Satisfazer a mãe ao nível da demanda pode ser muito gratificante para uma Filha, mas deixa-a presa a uma busca de reeditar a condição de ser o objeto de amor do outro. (ZALCBERG, 2003, p: 82)

Irei agora apresentar um caso clínico de uma adolescente para ajudar a ilustrar, através da experiência clínica, a teoria psicanalítica. Esse caso se mostra interessante para nosso estudo por se tratar da relação de uma adolescente com sua mãe e sua tentativa de separação desta que se mostrava devoradora em relação à filha. Algo que inicialmente chamou muito à atenção da analista eram os cortes que a menina fazia em seu corpo nos momentos de angústia, que pareciam ser uma tentativa de cortar a ligação tão sufocante com sua mãe.

Entre 2017 e 2019 realizei atendimentos no NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família), majoritariamente de meninas e mulheres. Fui procurada pela mãe de uma adolescente de 14 anos, pois ela havia encontrado uma carta suicida da filha no quarto desta e estava preocupada que a menina pudesse realmente se matar. A mãe também relatou que a jovem se cortava com lâmina em algumas partes do corpo e usava roupas maiores para tampar os cortes, dizendo não conseguir compreender o que levava a filha a ter esses comportamentos. Porém ao mesmo tempo que dizia que era completamente diferente da filha, tendo sido uma adolescente que não apresentava esses dilemas, também afirmava o quanto foi ruim ter se casado tão jovem e que o casamento não era como esperava, já que havia conhecido o pai da menina em uma festa, e durante o casamento ele nunca quis sair para festas. Desta forma, sempre aconselhava a filha a não se casar, pois seria apenas uma ilusão de felicidade.

Ao me procurar, a menina apresentou-se enquanto eu estava sentada na mesa do consultório e me pareceu uma garota bonita e meiga que falava sem problemas. Mas, quando a adolescente se levantou e saiu, a sensação foi de que o andar e a postura dela não combinavam com a sua idade, parecendo muito retraída e deprimida, tendo uma expressão corporal que parecia ser a de uma senhora de idade avançada. A menina contou durante o atendimento que não pretendia se suicidar, mas que gostava de escrever, de forma que, quando se sentia angustiada, escrevia várias coisas, inclusive um *blog* e diários virtuais, porém, após a invasão da mãe não escreveu mais nada que fosse físico, pois escrevendo online, ela poderia colocar senhas nos arquivos ou redigi-los de maneira anônima. Durante os atendimentos, a garota relatava coisas de sua rotina, como a escola, as músicas que gostava de ouvir e as roupas que gostava de vestir, além de sonhar com um futuro longe dali com uma carreira promissora de fotógrafa.

Porém, a adolescente relatava sentir-se sozinha enquanto a mãe trabalhava, e em alguns momentos no início da análise, disse que desejava estar mais próxima da mãe, mas, as vezes em que a genitora tentou atender a essa demanda, a filha sentia cada vez mais vontade de separar-se dela. A mãe chegou a deixar o trabalho, dizendo que não queria deixar a menina

sozinha, o que acarretou reclamações por parte da adolescente, por não haver mais um tempo sozinho para ouvir música e pensar. A angústia comum aos adolescentes por estarem passando por tensões sexuais e sociais que não precisam lidar na infância parecia ser dificilmente suportada pela menina, que recorria a métodos drásticos, como cortar-se para lidar com esses momentos angustiantes, mas parecia ser inconcebível para sua mãe que sua filha passasse por tais emoções. A adolescente queixava-se do fato da mãe reclamar dos seus horários, pois não gostava que ela ouvisse música e ficasse acordada até tarde e nem que ela usasse sempre roupas da mesma cor, no caso pretas.

A mãe da adolescente estava passando por uma separação e começou a convidar a filha para dormir no mesmo quarto que ela. No início, a menina disse que gostava por ser uma oportunidade de conversar com a mãe e por não ficar sozinho durante a noite. Porém, quando tentou voltar para seu quarto por alguns dias, alegando que sua mãe reclamava que ela ficava no celular até tarde para ouvir música e conversar no celular, a genitora ficou chateada e passou a intensificar as reclamações.

A mãe foi poucas vezes na seção, mas quando ia relatava coisas íntimas da filha, como acreditar que a menina sempre usava a mesma roupa íntima, trazendo isso como justificativa para a crença de que ela não estaria preparada para conviver com outras pessoas e tentar embarrear seu desejo de ir para um colégio interno, onde acreditava que teria mais liberdade que em casa e seria mais feliz. A mãe também justificava o fato de não deixar a filha ir sozinho a lugares por acreditar que ela não conseguiria defender-se caso fosse necessário. Assim, a família não permitiu que ela fosse para o colégio interno e a mãe tentava estar sempre por perto.

Outra vez que a mãe me procurou foi para falar que a filha continuava se cortando e que ela por não suportar mais essa situação. Como tentativa de conter isso, ela falou com a filha que faria o mesmo, ou seja, em cada novo corte descoberto, ela faria um muito pior em si. Após esse relato, a menina relatou posteriormente que não podia mais se cortar por preocupar-se com a mãe, mas que essa era a válvula que usava para quando sua angústia estava insuportável, e que, após a ameaça da mãe, não havia nada que podia fazer para aliviar-se.

Durante uma tentativa de reconciliação com o pai da jovem, a mãe engravidou de outra criança e, desta forma, as emoções da filha ficavam cada vez mais penosas para ela, que tinha por volta de 40 anos e estava passando por uma gestação longe do pai da criança, porém, quando o bebê nasceu, elas foram morar com o pai em uma nova tentativa de reatarem o casamento. Como a mudança foi para um sítio distante de sua cidade natal e onde não havia

sinal de Internet, a menina não conseguia com as pessoas que conhecia, se sentindo cada vez mais sozinha e angustiada. A mãe, por sua vez, preocupava-se com o fato de a menina conversar com meninos pela internet e começou a incentivar a filha para que saísse para festinhas, mas a ela dizia não sentir vontade. A genitora então, parecia tentar tamponar as tentativas da filha de constituição de uma identidade e de desejos que parecessem estar fora de seu controle, tendo inclusive, em alguns momentos, tentado antecipar as demandas que a filha pudesse vir a ter.

Após a mãe da jovem ter pensado em se matar, levando consigo o bebê recém-nascido e sugerindo para a menina que seria melhor que ela fizesse o mesmo, a família foi passar um tempo morando na casa da avó materna. A mãe, então, foi encaminhada para acompanhamento psicológico, mas pareceu mudar sua postura em relação à filha, empurrando-a para começar uma vida mais adulta. A menina, por sua vez, se recusava a atender os anseios drásticos da genitora, aparentando necessitar de um espaço para sua personalidade, mas ainda precisando ocupar seu lugar como filha.

A fala da menina não aparece, em nenhum momento, permeada por questões sexuais, o que seria comum para sua idade. A menina parecia demonstrar aliviar-se nos cortes sem perceber de onde poderia estar vindo sua tensão. E nas conversas com meninos pela Internet e com as amigas da escola, havia sempre um discurso voltado para fantasias em relação ao futuro e uma vida amorosa romântica.

A mãe contou que quando a menina era pequena percebia um interesse maior do pai por ela, mas que sempre fez questão de cuidar da filha e tomar todas as decisões relacionadas a ela, pois acreditava compreendê-la melhor e queria zelar por sua felicidade. O pai nunca parece ter sido muito próximo da filha, apesar de, aparentemente, ter ocupado um lugar de interesse na vida da mãe. O afastamento paterno, contudo, se intensificou com a entrada da menina na adolescência.

Da mesma forma, como pudemos ver no caso clínico atendido por Freud da jovem homossexual, onde ela tinha dificuldade de encontrar uma identidade por ter uma mãe ainda jovem e forte que havia engravidado recentemente, essa paciente também parecia ter dificuldade de encontrar seu espaço diante de uma mãe esmagadora. Ainda podemos relacionar este caso com a tentativa de suicídio do escrito freudiano, onde ocorre uma tentativa de passagem ao ato. Da mesma forma que a jovem atendida pelo primeiro psicanalista buscava, através dos cortejos à mulher mais velha, a construção de uma identidade única, percebemos em nossa paciente que ela tentava, através das roupas, maquiagens, acessórios e exercícios físicos, construir-se. Após quase um ano de atendimento,

a menina já apresentava um andar e postura que chamavam atenção, e começou a contar episódios onde era abordada na escola por garotos que estavam interessados nela, e que, segundo ela, eram dispensados por não combinarem com o estilo dela.

A mãe também começou a se preocupar quando a filha começou a chamar atenção pela beleza, principalmente por ter ouvido de um homem mais velho o quanto a filha era bonita. Também dizia estranhar a menina se dedicar à prática diária de exercícios, uma vez que ela as fazia em casa. Apesar da personalidade sufocante que a mãe apresentava, a menina tentava se separar dessa relação, o que parecia ser devastador para a mãe, principalmente quando esta sinalizou uma ideia suicida. Quanto mais a menina tentava se separar da mãe, ela parecia absorver a personalidade que ela atribuía à filha. A mãe parecia estar espelhando as atitudes da menina, como uma forma de lidar com a separação, como Freud disse ocorrer nas relações femininas narcísicas.

Freud (1914/1996) afirma que durante a puberdade no sexo feminino, o narcisismo primário seria fortalecido. Mais do que um acontecimento, esse fortalecimento é uma necessidade feminina. As mulheres encontrariam em si mesmas uma compensação pelas restrições em relação ao objeto sexual. “Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas” (p. 54). Ou seja, as mulheres investiriam mais libido em si mesmas, na própria imagem idealizada a partir do olhar do outro sobre elas.

O autor propõe que tais mulheres amarão a si mesmas na mesma intensidade em que forem amadas. Permaneceriam frias em relação ao outro, mas poderão, por meio da maternidade e do filho que gerarem, encontrar o caminho para o amor objetal. Algumas mulheres conseguiriam ir do narcisismo secundário para a escolha objetal utilizando-se do protótipo masculino que outrora tiveram por se sentirem um pouco masculinas. Assim, Freud afirma:

O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto. Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar (FREUD, 1914/1996, p. 55).

Apesar das dificuldades de separação e da angústia causada por esta relação com a mãe, a jovem paciente já apresentava uma elaboração sobre isso e uma maturidade para conseguir lidar com as situações familiares que lhe eram impostas. A menina parecia estar conseguindo uma nova investidura narcísica através dos olhares que despertava pela aparência. Após um ano e meio de atendimento tive que interromper o atendimento por estar

mudando de cidade e trabalho, mas a mãe continuou seu acompanhamento psiquiátrico e a filha foi encaminhada para continuar o acompanhamento psicológico com outro profissional.

Após esses atendimentos pudemos perceber que a menina conseguiu desvincular-se do desejo materno em relação a sua posição passiva, frágil e infantil, de forma a conseguir se parecer muito mais com uma adolescente de sua idade. Apesar da teoria psicanalítica ser importante para compreendermos os atendimentos clínicos, essa relação não pode ser completamente proporcional, pois nenhum conhecimento é absoluto ao tratar de um caso específico. E apesar de cada caso clínico ser importante para compreendermos a clínica psicanalítica, é impossível, ao nível do singular, reunir os pormenores enredados no real, sempre restando um resto impossível de se explicar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esse trabalho, procurei compreender se o feminino seria uma construção social, um dado biológico ou um estado psicológico. Freud me ajudou a perceber que, para isso, também seria necessário entender a diferença sexual, ou melhor, a ausência da inscrição desta em nossa mente. E não, apesar desse furo, mas por conta dele, que todos buscamos respostas para a sexualidade, como: qual sexo é o meu e o que isso diz sobre mim? Qual sexo me complementa? Quem é esse outro que poderia me complementar?

No período em que a psicanálise surge, a mulher era vista como submissa ao homem, tendo sua imagem atrelada à passividade, e aquelas que desviavam desse caminho eram consideradas histéricas e encaminhadas para tratamento em hospitais psiquiátricos. Podemos explicar esse comportamento desviante com a dúvida que permeia a mente histérica: “sou homem ou mulher?”. Em *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade*, Freud (1908/1986, p. 90) afirma que: “Os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina”.

Ao longo de sua obra, Freud alterou inúmeras vezes seu conceito do que era ser homem e mulher, indo além, ao perceber que masculino e feminino não podem ser definidos, de forma a desmistificar a passividade como algo inerente ao ser feminino e a atividade como algo inerente ao masculino. Em *Feminilidade* (1933/1996), por exemplo, o autor afirma que a mulher poderia dar preferência a fins passivos, mas que ainda assim, ela seria capaz de grande atividade para chegar a esses fins.

Após a investigação realizada ao longo deste trabalho, o que mais nos chamou atenção na análise de Freud em relação aos sexos foi a perspicácia do autor de pensar além do sexo biológico, percebendo que o que chamamos de feminino e masculino pode ser encontrado tanto em homens quanto em mulheres. Tais conclusões foram alcançadas a partir da investigação dos casos em que as pulsões desviavam do esperado pela sociedade e pelo modelo que o paciente busca para si, o que levava o sujeito muitas vezes ao adoecimento durante a busca de um ideal sexual que existe apenas no imaginário. Então, através deste trabalho, tentamos pensar como a clínica pode ser influenciada pelas fantasias dos pacientes em relação a diferença sexual, assim como nós analistas somos influenciados por essas mesmas fantasias.

A fim de construir nosso percurso, foi necessário estudar sobre a relação entre pré-Édipo, identificação e narcisismo nos investimentos libidinais femininos, e assim,

construímos uma articulação analisada com o objetivo de compreendermos como a feminilidade se apresenta na clínica, a fim de discutir vias para uma escuta psicanalítica em relação às fantasias femininas. Além disso, foi possível perceber a importância da história do próprio analista neste percurso para elaborar a própria feminilidade e compreender como este se apresenta na clínica em relação ao Outro.

Observou-se que o analista precisa aceitar a própria falta para que a mulher, a partir da elaboração da falta, consiga atravessar a fantasia de completude. Apesar de, ainda assim, continuar desejando um tamponamento para seu ser, é importante que esse desejo não seja mortífero ou devastador, mas que seja desejo de desejo, deixando um espaço para a falta. Esse caminho foi percorrido considerando o trabalho freudiano sobre o enigma da feminilidade e a construção das teorias sobre a constituição do sujeito, com enfoque no feminino. Também nos fez refletir o porquê de a temática feminilidade despertar em homens e mulheres um desejo mobilizador em busca do conhecimento de seus mistérios.

Desse modo, buscamos desvendar os entrelaçamentos entre a pulsão e o feminino em Freud, assim como sua influência na clínica. Uma questão que surgiu foi em relação ao narcisismo e sua relação com a angústia: seria o narcisismo uma forma de manter o objeto amoroso a uma certa distância em uma tentativa de afastar a angústia? O narcisismo, como pudemos perceber, pode interferir na análise do paciente, mas também poderia interferir na contratransferência, quando o analista não consegue ocupar o lugar de objeto de desejo para o analisando, buscando ocupar o lugar de ideal para o paciente.

O fundador da psicanálise entendia a diferença entre homens e mulheres como relacionada à distribuição da libido. Enquanto os homens estariam buscando um objeto para amar, as mulheres, por sua vez, buscariam um sujeito que as amasse, para que pudessem se amar nessa mesma intensidade. Para ele, apesar de o amor das mulheres ser, geralmente, mais narcísico que o dos homens – principalmente entre as mulheres belas – existiriam algumas formas pelas quais elas poderiam alcançar o amor objetal e muitas formas de desempenharem o amor narcísico.

O analista também pode ter a sensação de que o analisando narcísico precisa sentir-se amado para continuar a análise. Como lidar com essa demanda, uma vez que o tratamento preconiza deixar em suspenso (abstinência) a demanda trazida pelo paciente? Desta forma o analista também precisa aceitar não ser totalmente perfeitos aos olhos de ninguém, ou seja, que aquele primeiro olhar que o bebê acredita ter recebido não se repetirá, ainda que o paciente deseje manter a fantasia de idealização do analista.

Por meio dos desenvolvimentos da teoria freudiana, percebemos que a escuta do analista será tomada assim como a mulher, uma a uma, pois cada paciente é único e, dessa forma, a escuta também é um processo criativo e dinâmico que precisa sustentar a angústia que o não saber do analista causa, para que enfim surja a ética da busca pela verdade do desejo do analista, que exigirá um vínculo de confiança.

Através das pesquisas realizadas ao longo deste estudo sobre a obra freudiana, foi possível pensar a diferença sexual sob uma perspectiva psicanalítica, principalmente em relação à mulher. Percebemos que, a partir da escolha amorosa, a mulher parece encontrar uma identificação que a levaria de alguma forma ao encontro fálico e até mesmo a um apaziguamento pulsional, o que poderia ser a cura pelo amor. Em outros casos, a mulher parece buscar investir sua libido em um objeto narcísico, mas que, ainda assim, é um amor objetal, como no caso do filho. Ao reinvestir a libido em objetos, estamos nos precavendo do adoecimento, pois é preciso amar para não adoecer.

Também nos chama atenção quando Freud tece considerações sobre o desenvolvimento sexual da mulher. O autor apresenta como é necessário, para a menina, o revestimento contínuo de amor, que muitas vezes traz uma ligação parental que vai muito além do Édipo. Ele, inclusive, afirma que, durante a puberdade, a menina precisa de novos investimentos libidinais para desenvolver a sexualidade feminina.

Dessa forma, podemos pensar que a separação da menina com a mãe influenciaria em sua forma de amar. Sendo assim, os seres narcísicos estariam mais frios, porém, mais dependentes do amor do outro, podendo sua separação corresponder a uma reedição da castração. E como o analista pode ajudar o paciente a lidar com essa castração? O saber inconsciente deve vir do analisando, e não do analista. Esse não é um saber completo, definido ou definitivo, mas construído durante o percurso analítico, através da fala e escuta.

No meu posto de trabalho atual, a demanda para os atendimentos psicológicos é principalmente de homens, já que se realiza em um quartel de fuzileiros Navais (MB), onde homens são a maioria absoluta. Com o tempo e as reflexões que vieram tanto da pesquisa para este trabalho quanto da prática diária das consultas, pude perceber as contribuições que o desenvolvimento deste texto proporcionou, especialmente em relação a demanda que esses militares traziam a respeito do amor. Pois, como afirma Naveau (2000 apud GUIMARÃES, 2011) “um homem, quando ama, é uma mulher”.

Além de me ajudar a compreender a demanda masculina em relação à sua falta, pude perceber os preconceitos que eu trazia nos atendimentos com homens, me ajudando a compreender que é necessário enxergar o sofrimento que o paciente carrega e não a imagem

do paciente ou o que esta imagem me remete. Desta forma os atendimentos com mulheres também passaram a ser através de um olhar sobre o sofrimento que aquele sujeito carrega, e que pode estar relacionado em alguns aspectos a sua representação quanto ao social, mas que não se restringe e nem se explica apenas por este aspecto, mas pela fragilidade e angústia humana que a não existência do Outro nos remete.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1866-89). Publicações Pré-Psicanalíticas e esboços inéditos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1896). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1900). A Interpretação dos sonhos, Parte I. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1901-1905). Um Caso de Histeria: Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908). Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908). Sobre as Teorias Sexuais das Crianças. *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1910). Cinco Lições de psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1913). Sobre o início do tratamento. In: *Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1913-14). Totem e Tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1914). Uma introdução sobre o Narcisismo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915). Luto e melancolia. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1916-17). A teoria da libido e o narcisismo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1920-22). Breves escritos. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1921). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego [1921]. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923 [1922]). Dois Verbetes De Enciclopédia. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923-25). O Ego e o ID. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1924). A dissolução do complexo de Édipo [1924]. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1924). O Problema Econômico do Masoquismo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1925-26). Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1927-28). Dostoievski e o parricídio. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1931). Sexualidade Feminina. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933). Feminilidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1939). Moisés e o monoteísmo. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1940 [1922]). A cabeça de Medusa. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FULGENCIO, L. compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 30-44, 2002. doi: 10.1590/1415-47142002004003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/zm4NpG84GPNkybJQYR3tGWH/?lang=pt>. Acesso em 28 nov. 2020.

GARCIA-ROZA, L. *Freud e o inconsciente* [1936]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GUIMARÃES, L. O parceiro amoroso da mulher atual. *Opção lacaniana*, 2 (5), julho 2011. Disponível em: O parceiro amoroso da mulher atual. Acesso em 11/7/21.

JORGE, M. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan, vol. 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, M. *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

JORGE, M.; FERREIRA, N. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JORGE, M.; TRAVASSOS, N. *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda [1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

PEREIRA, M. *A erótica do sono: Ensaios psicanalíticos sobre a insônia e o gozo de dormir*. São Paulo: Aller Editora, 2021.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ZALCBERG, M. *A relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.